

EEEFM CÂNDIDA PÓVOA



Livro de Contos

Projeto
"Conte um Conto"

7º ANO



ORGANIZAÇÃO

**Prof. Josimar
Rodrigues**

E.E.E.F.M. Cândida Póvoa

LIVRO DE CONTOS

7^º Ano

Projeto "Conte um Conto"

Apiacá
2023

E.E.E.F.M. Cândida Póvoa

Apiacá - ES

*Superintendência Reginal de Educação Comendadora
Jurema Moretz Sohn - Guaçuí*

Secretaria do Estado de Educação

2023

Capa, Seleção, Organização e Diagramação

Josimar de Souza Rodrigues Junior

contato@josimar.com.br

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

Contos de fada não dizem às crianças que dragões
existem. Crianças já sabem que dragões existem.
Contos de fada dizem às crianças que dragões
podem ser mortos.

G. K. Chesterton

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O BARBA-AZUL

Charles Perrault

Era uma vez um homem que tinha belas casas na cidade e no campo, baixela de ouro e de prata, móveis trabalhados e carruagens douradas; mas, por desventura, esse homem tinha a barba azul: isto o fazia tão feio e tão terrível que não havia mulher nem moça que não fugisse ao vê-lo.

Uma de suas vizinhas, dama de alta linhagem, tinha duas filhas absolutamente belas. Ele pediu-lhe uma delas em casamento, deixando a escolha à vontade materna. Nenhuma das duas o queria, e cada uma o passava à outra, pois nenhuma podia decidir-se a aceitar um homem de barba-azul. Aborrecia-as, também, a circunstância de ele já ter desposado várias mulheres sem que ninguém soubesse o que era feito delas.

Para travar relações com as moças, Barba-Azul levou-as, juntamente com a mãe e três ou quatro das melhores amigas, e algumas jovens da vizinhança, a uma das suas casas de campo, onde passaram nada menos de oito dias. E eram só passeios, caçadas e pescarias, danças e festins, e merendas: ninguém dormia, levavam a noite a pregar peças uns aos outros; afinal, tudo correu às mil maravilhas, e a mais nova das meninas começou achar que o dono da casa não tinha a barba tão azul, e que era homem muito digno. E, logo que tornaram à cidade, realizou-se o casamento.

Ao cabo de um mês, Barba-Azul disse à mulher que tinha de fazer uma viagem à província, de seis semanas no mínimo, para um negócio de importância; que lhe pedia se divertir à vontade durante a ausência dele — mandasse buscar suas boas amigas, levasse-as ao campo, se quisesse, comesse do bom e do melhor.

— Aqui estão — disse-lhe — as chaves dos dois grandes guarda-móveis; aqui as da baixela de ouro e de prata que só se usa nos grandes dias; aqui as dos meus cofres-fortes, onde está o meu ouro e a minha prata, as dos cofres de minhas joias, e aqui a chave de todas as dependências da casa. Esta chavezinha é a chave do gabinete que fica do extremo da grande galeria do porão: pode abrir tudo, pode ir aonde quiser, mas nesse pequeno gabinete eu lhe proíbo entrar, e o proíbo de tal maneira que, se lhe acontecer abri-lo, não há nada que você não possa esperar da minha cólera.

Ela prometeu cumprir à risca tudo quanto acabava de lhe ser ordenado: e ele, depois de beijá-la toma sua carruagem, e parte.

As vizinhas e as boas amigas não esperaram, pra ir a residência da jovem esposa, que as mandassem buscar, tão sôfregas estavam de ver-lhe todas as riquezas da casa, não havendo ousado ir lá enquanto o marido lá se achava por causa de sua barba azul, que lhes fazia medo. E ei-las, sem perda de tempo, a percorrer os quartos, os gabinetes, os vestiários, cada um mais belo que os outros. Subiram depois aos guarda-móveis, onde não se cansavam de admirar o número e a beleza das tapeçarias, dos leitos, dos sofás, dos guarda-roupas, dos veladores, das mesas e dos espelhos, nos quais a gente se via da cabeça aos pés, e cujos ornatos, uns de vidro, outros de prata, ou de prata dourada, eram os mais belos e magníficos que já se poderiam ter visto. Não cessavam de exagerar e invejar a felicidade da amiga, a quem, no entanto, não alegravam todas essas riquezas, ansiosa que estava de ir abrir o gabinete do porão.

Sentiu-se tão premida pela curiosidade que, sem refletir que era uma indelicadeza deixar sozinhas as visitas, desceu até lá por uma escadinha oculta, e com tamanha precipitação que por duas ou três vezes pensou quebrar o pescoço. Chegando à porta do gabinete, aí se deteve algum tempo, lembrando-se da proibição que o marido lhe fizera

e considerando o que lhe poderia acontecer uma desgraça por haver sido desobediente; mas a tentação era tão forte que ela não pode vencer: tomou a chavezinha e abriu, trêmula, a porta do gabinete.

A princípio, não viu coisa alguma, porque as janelas se achavam fechadas; momentos depois começou a notar que o soalho estava todo coberto de sangue coalhado, no qual se espalhavam os corpos de várias mulheres mortas presos ao longo das paredes. (Eram todas as mulheres que Barba-Azul desposara e que havia estrangulado uma a uma.) Cuidou morrer de susto, e a chave do gabinete, que acabava de retirar da fechadura, caiu-lhe da mão. Após haver recobrado um pouco o ânimo, apanhou a chave, fechou a porta e subiu ao quarto para refazer-se; não o conseguia, porém, tão grande lhe era a perturbação.

Tendo notado que a chave do gabinete estava manchada de sangue, limpou-a duas ou três vezes, mas o sangue não desaparecia; lavou-a, esfregou-a com sabão e pedra-pomes; debalde: o sangue ficava sempre, pois a chave era fada, e não havia meio de limpá-la inteiramente: quando se tirava o sangue de um lado ele voltava do outro.

Barba-Azul regressou de sua viagem logo nessa noite, e disse haver recebido em caminho, cartas com a notícia de que o negócio que o levava a partir acabara de realizar-se com vantagem para ele. A mulher fez quanto pode pra mostrar encantada com esse breve retorno.

No dia seguinte ele pediu-lhe as chaves, e ela as entregou, porém tremia-lhe tanto que Barba-Azul adivinhou sem esforço todo o ocorrido.

— Por que é — perguntou-lhe — que a chave do gabinete não está junto as outras?

— Devo tê-la deixado lá em cima, sobre a minha mesa.

— Quero a chave aqui, já e já!

Depois de várias delongas, a mulher teve de levá-la. Barba-Azul examinou-a e disse:

— Por que há sangue nesta chave?

— Não sei nada disso — respondeu a pobre criatura, mais pálida que a morte.

— Você não sabe nada — continuou ele —, mas eu sei muito bem: você quis entrar no gabinete! Está certo, senhora, lá entrará, e irá ter o seu lugar ao lado das que lá encontrou.

Ela se atirou aos pés do marido, chorando e pedindo-lhe perdão, com todos os sinais de um arrependimento sincero de não haver sido obediente. Bela e aflita como estava, seria capaz de enternecer um rochedo; mas Barba-Azul tinha o coração mais duro que um rochedo.

— Tem de morrer, senhora, e imediatamente.

— Visto que tenho de morrer — respondeu ela, fitando-o com os olhos banhados de lágrimas —, dê-me um pouco de tempo para rezar a Deus.

— Dou-lhe meio quarto de hora — replicou Barba-Azul — e nem um momento mais.

Quando ela se viu sozinha, chamou a irmã e disse-lhe:

— Minha irmã Ana (era este o seu nome), sobe ao alto da torre, eu te suplico, pra ver se meus irmãos não vêm; eles me prometeram que viriam me ver hoje, e, se os vires, faze-lhes sinal para que se apressem.

A irmã Ana subiu-se ao alto da torre, e a pobre aflita gritava-lhe de vez em quando:

— Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém?

E a irmã Ana lhe respondia:

— Não vejo nada a não ser o Sol que brilha e a erva que verdeja.

Entrementes Barba-Azul, com um grande cutelo na mão, gritava para a esposa com toda a força:

— Desce depressa, ou eu subirei aí.

— Mais um momento por favor —, respondia-lhe a mulher.

E logo, baixinho:

— Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém?

E a irmã Ana respondia:

— Não vejo nada a não ser o Sol que brilha e a erva que verdeja.

— Desce depressa — bradava Barba-Azul —, ou eu subirei aí.

— Já estou indo — respondeu a mulher.

E depois:

— Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém?

— Só vejo — respondeu a irmã Ana — uma grossa poeira que vem desta banda.

— São meus irmãos?

— Infelizmente não, minha irmã; é um rebanho de carneiros.

— Não queres descer? — bradava Barba-Azul.

— Mais um momento — respondeu a mulher.

E depois:

— Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém?

— Vejo — respondeu ela — dois cavaleiros que vêm deste lado, mas ainda estão muito longe... Louvado seja Deus! — exclamou um instante depois. — São meus irmãos; estou-lhes fazendo sinal, tanto quanto me é possível, pra que se apressem.

Barba-Azul pôs-se a gritar tão alto que a casa estremeceu. A pobre mulher desceu e atirou-se-lhe aos pés, desgredada e em prantos.

— Isto não adianta nada — disse Barba-Azul. — Tens de morrer.

Em seguida, segurando-a com uma das mãos pelos

cabelos e erguendo com a outra o cutelo no ar, ia cortar-lhe a cabeça. A pobre mulher, voltando-se para ele, rogou-lhe que lhe concedesse um breve momento pra se recolher.

– Não, não – disse ele –, e encomenda bem a tua alma a Deus.

E, erguendo o braço... Neste momento bateram à porta com tanta força que Barba-Azul se deteve instantaneamente. Abriam, e logo se viu entrar dois cavaleiros, que, sacando da espada, correram em direitura a Barba-Azul.

Ele reconheceu que eram os irmãos de sua esposa, um deles dragão e o outro mosqueteiro, e fugiu sem demora, para salvar-se; mas os dois irmãos o perseguiram tão de perto que o alcançaram antes que ele pudesse atingir a escada externa. Atravessaram-no a fio de espada, e o deixaram morto. A pobre dama estava quase tão morta quanto o marido, nem lhe restavam forças para levantar-se e beijar os irmãos.

Verificou-se que Barba-Azul não tinha herdeiros, razão por que sua mulher se tornou dona de todos os seus bens. Empregou parte deles no casamento de sua irmã Ana com um jovem fidalgo, que a amava desde muito tempo; outra parte na compra do posto de capitão para seus dois irmãos; e o resto no casamento dela própria com um homem muito distinto, que lhe fez esquecer o mau tempo que ela passou com Barba-Azul.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: do fim da idade média ao romantismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 2. (Mar de História, 2).

O REI QUE PERDEU O CORPO POR HAVER PRONUNCIADO PALAVRAS IMPRUDENTES

Do Pantchatantra

Existe no território setentrional uma cidade chamada Lilavati, onde vivia um rei de nome Mukunda. Certo dia, ao voltar de um de seus passeios habituais no jardim de recreio, encontrou na cidade um bobo corcunda, cercado de uma multidão a quem divertia com suas farsas. Levou-o consigo, guardou-o no palácio para distrair-se à custa dele, e manteve-o constantemente ao pé de si. Querendo o ministro comunicar ao rei um conselho que lhe fora confiado, viu o corcunda sentado ao lado do monarca e disse:

– Ó rei, eis o que dizem os sábios: “Segredo de três não é segredo.”

Mas o rei respondeu:

– Menos quando um dos três é o corcunda.

Certo dia entrou um penitente nos aposentos do rei e sentou-se ao lado deste. Vendo que o recém-chegado era sabedor de muitas coisas, o rei deliberou ficar a sós com ele e interrogou-o sobre seus conhecimentos. O penitente ensinou-lhe o segredo de entrar num corpo morto, e em seguida desapareceu. Enquanto o rei repetia, para decorá-la, a fórmula do esconjuro, o corcunda aprendeu-a também.

Pouco depois, indo o rei a caçar em companhia do corcunda, encontrou numa espessa floresta o corpo de um brâmane morto de fome. Querendo experimentar a fórmula, perguntou:

– Ó corcunda, lembra-te da fórmula do esconjuro?

O corcunda, premeditando um crime, respondeu:

— Nada sei disso, ó rei!

Então o rei mandou-o segurar seu cavalo, mergulhou o espírito em profunda meditação e murmurou misteriosamente a palavra mágica. Logo pôde deixar seu próprio corpo e pôr a alma no cadáver do brâmane. No mesmo instante, porém, o corcunda repetiu toda a fórmula, fez entrar sua alma no corpo do rei, que estava deitado sem vida, montou depressa a cavalgadura do monarca e disse-lhe:

— Eu vou exercer de agora em diante o poder real. Tu, vai para onde quiseres!

Pronunciada essas palavras, esporeou o cavalo e se dirigiu à cidade. Mal chegou ao palácio, tomou as rédeas do governo. Por seu lado, o rei, que ficara no corpo do brâmane, lembrava-se das palavras do velho ministro e acusava-se a si mesmo, pensando: “Insensato que fui! Insensato! Que fiz! Devo agora tornar à cidade e contar à rainha e ao velho ministro o que me aconteceu? Não posso! Seria inoportuno, pois não me acreditariam. Diriam: — ‘Quem é este homem?’ — ou: — ‘Que figura é esta?’” Enquanto examinava esses partidos contrários, voltou-se para outro caminho.

Mas, como o corcunda, que usava o corpo do rei, fizesse discursos descabidos, ao cabo de alguns dias a rainha mandou vir o velho ministro, e disse-lhe:

— Ó pai! Este não pode ser o rei de modo nenhum, pois pronuncia palavras descabidas, que não vêm a propósito das coisas.

O ministro aprovou o parecer da rainha e disse que se devia estudar um meio de encontrar o verdadeiro rei. Pediu licença ao falso rei, isto é, o antigo corcunda, começou a distribuir alimentos aos forasteiros mais necessitados, lavou os pés de cada um deles, recitou o seguinte hemistíquio: “Segredo de três não é segredo. — Salvo quando um dos três é o corcunda.” — e perguntou-lhes a outra metade do verso. A coisa espalhou-se, e o rei, que usava o corpo do

brâmane, ouviu-a. Depois de profunda meditação, deixou o lugar onde se encontrava e, perturbado, partiu para a sua antiga cidade, dizendo consigo: — “Sem dúvida foi minha esposa quem organizou isso para me reencontrar.”

Ao cabo de alguns dias alcançou a cidade, e chegou já de noite à casa onde se distribuía a comida. Ali falou assim ao ministro, que se achava presente:

— Ó irmão! Sou um brâmane e venho de terras distantes. Como tenho muita fome, estou certo que me darás comida, embora eu haja chegado fora de hora.

O ministro, posto já se aprestasse para regressar a casa, ficou, pois viu que o estrangeiro era um brâmane molestado pela fome. Lavou-lhe os pés e, como de costume, recitou o hemistíquio:

— “Segredo de três não é segredo. — Salvo quando um dos três é o corcunda.”

O rei, que estava escondido no corpo do brâmane, respondeu com as palavras seguintes, quer dizer, com a segunda metade do verso:

— “Torna-se rei o corcunda; mendigo vagabundo, o rei.”

Depois de interrogá-lo, o ministro, informado de tudo, levou-o com viva alegria para a sua própria casa, fez-lhe as devidas honras e disse-lhe:

— Vê, ó rei, a força de minha sabedoria! Tornar-te-ei rei de novo após haveres retomado posse do teu próprio corpo.

Disse, e foi sem demora ter com a rainha. Encontrou-a chorando com um papagaio morto nos braços. Falou-lhe:

— Que belo presságio, ó senhora! Esse papagaio há de nos servir de meio para atingirmos o nosso fim. Chama o falso rei, e dize-lhe: — “Haverá nessa cidade um feiticeiro que consiga fazer pronunciar uma única palavra a esta ave?” Se assim falares, ele, orgulhoso de sua arte de

adjurar os mortos, quererá gabar-se e entrará no corpo do papagaio, deixando o do rei. No mesmo instante o rei que se encontrará atrás de mim voltará ao seu próprio corpo e retomará o poder real.

Depois que tudo isso aconteceu efetivamente, o ministro matou o papagaio que o corcunda chamara à vida.

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: das origens à idade média**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 1. (Mar de História, 1).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

DO QUE ACONTECEU A UM REI COM OS TRAPACEIROS QUE FIZERAM O ESTOFO

Don Juan Manuel

Falava outra vez o conde Lucanor com Patrônio, seu conselheiro, e dizia-lhe:

— Patrônio, um homem veio a mim e disse-me um fato muito importante, e dá-me a entender que seria de mui grande proveito para mim, porém diz-me que não deve sabê-lo pessoa nenhuma deste mundo, por muito que eu nela me fie, e tanto me encare que guarde este segredo a ponto de dizer que, se a alguém neste mundo o digo, toda a minha fazenda e até a minha vida está em grande risco. E, como eu sei que ninguém vos poderia dizer cousa que não entendais se se diz por bem ou por algum engano, rogo-vos me digais o que pensais disto.

— Sr. conde Lucanor — disse Patrônio —, para que vós percebais o que, ao meu cuidar, mais vos cumpre fazer no caso, prazer-me-ia soubésseis o que aconteceu a um rei com três trapaceiros que vieram ter com ele.

Perguntou-lhe o conde como fora aquilo.

— Sr. conde — disse Patrônio —, três homens trapaceiros vieram ter com um rei e disseram-lhe que eram muito bons mestres em fazer estofos, e particularmente que faziam um estofa que todo homem que fosse filho do pai que todos diziam, veria o estofa, mas o que não fosse filho do pai que tinha e que as gentes diziam, não poderia ver o estofa.

E ao rei isto aprouve muito, tendo ele que por aquele estofa poderia saber quais homens do seu reino eram filhos daqueles que deviam ser seus pais e quais não, e que por

esta maneira poderia acrescentar muito os seus bens; pois os mouros não herdaram do pai se não são verdadeiramente seus filhos. E para isto mandou dar-lhe um palácio em que fizessem aquele estofado.

E eles disseram-lhe que, para que visse que o não queriam enganar, que os mandasse encerrar naquele palácio até que o estofado ficasse pronto. E isto muito aprovou ao rei. E, tanto que houveram recebido para fazer o estofado muito ouro, e prata, e seda, e muitos grandes haveres, para que o fizessem, entraram naquele palácio e ali foram encerrados.

E montaram suas oficinas, e davam a entender que todo o dia teciam o estofado. E ao cabo de alguns dias foi um deles dizer ao rei que o estofado estava começado, e que era a mais formosa cousa do mundo; e disse-lhe que figuras e que labores começavam a fazer, e que, se fosse de sua vontade, que o fosse ver, e que não entrasse com ele pessoa alguma deste mundo. E isto aprovou muito ao rei.

E o rei, querendo confirmar aquilo perante outro, enviou um seu camareiro para que o visse, mas não avisou de que o desenganasse.

E, desde que o camareiro viu os mestres e o que diziam, não se atreveu a dizer que não vira o estofado. E, quando tornou ao rei, disse que o vira. E depois o rei enviou outro, e este lhe disse o mesmo. E, como todos os que o rei enviou disseram que haviam visto o estofado, o rei foi vê-lo.

E quando entrou no palácio viu os mestres, que estavam tecendo e diziam: — “Isto é tal labor, e isto é tal história, e isto é tal figura, e isto é tal cor.” E punham-se todos de concerto em uma cousa, e não teciam cousa nenhuma. E, quando o rei viu que eles não teciam, e diziam de que maneira era o estofado, e ele não o via, e o tinham visto os outros, considerou-se morto, pois considerou que, porque não era filho do rei que ele tinha por seu pai, por isso não podia ver o estofado, e receou que, se dissesse que o não via, perderia o reino. E por isso começou a louvar muito

o estofo, e aprendeu muito bem a maneira como diziam aqueles mestres que o estofo era feito.

E, tanto que chegou a casa, com a sua gente começou a falar maravilhas do quanto era bom e maravilhoso aquele estofo, e dizia as figuras e cousas que havia no estofo, porém sentia muito má suspeita.

E ao cabo de dois ou três dias mandou que seu aguazil fosse a ver o estofo. E o rei contou-lhe as maravilhas e singularidades que vira naquele estofo. E lá se foi o aguazil. E, tanto que entrou e viu os mestres que teciam e diziam as figuras e as cousas que havia no estofo, e tendo ouvido ao rei como o havia visto, e ele próprio não o vendo, cuidou que, pois que não era filho do pai que ele pensava, por isso não o via, e teve que, se soubessem, perderia toda sua honra. E por isso começou de louvar o estofo tanto como o rei, ou mais.

E, desde que tornou ao rei e lhe disse que vira o estofo, e que era a mais nobre e a mais formosa cousa do mundo, houve-se o rei por mais infeliz ainda, pensando que, se o aguazil vira o estofo e ele o não vira, já não havia dúvida de que ele não era filho do rei que ele cuidava. E por isso começou a louvar ainda mais e ainda mais afirmar a bondade e a nobreza do estofo e dos mestres que tal cousa sabiam fazer.

E outro dia enviou o rei outro seu privado, e sucedeu-lhe como ao rei e aos outros. Que vos direi mais? Desta guisa, e por este receio, foram enganados o rei e quantos havia em sua terra, pois nenhuma ousava dizer que não via o estofo.

E assim se passou este caso até que veio uma grande festa. E disseram todos ao rei que vestisse aquele estofo para a festa.

E os mestres o trouxeram envolto em mui bons lençóis, e deram a entender que desdobravam o estofo, e perguntaram ao rei que queria que talhassem com aquele estofo. E o rei disse que vestiduras queria. E eles davam a entender

que talhavam e que mediam o tamanho que haviam de ter as vestiduras, e depois que as coseriam.

E quando chegou o dia da festa vieram os mestres ao rei, com seu estofado talhado e cosido, e fizeram-lhe entender que lho vestiam e que lhe desenrugavam o estofado. E assim o fizeram até que o rei julgou que estava vestido, pois não se atrevia a dizer que não via o estofado.

E, tanto que foi tão bem como acabais de ouvir, cavalgou para andar pela vila, e disso não lhe resultou mal, pois era verão.

E, desde que as gentes o viram assim vir e sabiam que quem não via aquele estofado não era filho do pai que cuidava, cuidava cada um que os outros o viam e ele o não via, e que se o dissesse estaria perdido ou desonrado. E por isso ficou aquele segredo guardado, que ninguém se atrevia a descobri-lo, até que um negro que guardava o cavalo do rei, e que não tinha o que pudesse perder, chegou ao rei e disse-lhe:

— Senhor, a mim não me ofende que tenhais por filho do pai que eu digo nem de outro, e por isso vos digo: ou eu estou cego, ou vós estais nu.

E o rei entrou a injuriá-lo dizendo que, como não era filho do pai que pensava, por isso não via os seus estofados.

E, desde que o negro isto disse, outro que o ouviu disse isto mesmo, e assim o foram dizendo, até que o rei e todos os outros perderam o receio de conhecer a verdade e perceberam a burla que os trapaceiros tinham feito. E quando os foram buscar não os acharam, pois se tinham ido com o que haviam levado do rei pelo logro que ouvistes.

E vós, sr. conde Lucanor, pois que aquele homem vos diz que não saiba nenhum daqueles em quem vos fiais nada do que ele vos diz, ficai certo de que ele cuida enganar-vos, pois bem deveis compreender que não tem ele razão para querer mais que os outros o vosso pró, ele que vos não deve tanto como todos os que convosco vivem, que vos devem

muito e receberam de vós muitos benefícios, pelos quais devem querer vosso pró e vosso favor.

E o conde houve por bom este conselho, e assim fez, e com isto sentiu-se bem.

E, vendo d. João que era este um bom exemplo, fê-lo escrever neste livro e fez estes versos que dizem assim:

*Quem te induz a ocultar algo de teus amigos,
Sabe que mais te quer enganar que dois figos.*

Extraído:

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.; RÓNAI, P. (Org.). **Mar de histórias: antologia do conto mundial: das origens à idade média**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 1. (Mar de História, 1).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O MESTRE GATO OU O GATO DE BOTAS

Charles Perrault

Era uma vez um moleiro que não deixou herança para seus três filhos além de seu moinho, seu burro e seu gato. A divisão logo foi feita. Nem escrivão nem advogado foram chamados. Eles logo teriam consumido todo o pequeno patrimônio. O mais velho recebeu o moinho; o segundo, o asno; e o mais novo não recebeu nada além do gato. O jovenzinho estava inconsolável por tamanha má sorte.

– Meus irmãos – dizia ele – podem ganhar a vida muito bem se juntarem suas propriedades; mas, de minha parte, quando tiver comido meu gato, e feito uma luva com seu couro, devo morrer de fome.

O gato, que a tudo ouvia mas fingia não ouvir, disse-lhe com ar sério e solene:

– Não te aflijas, meu bom amo. Nada tens de fazer além de dar-me uma bolsa e conseguir-me um par de botas feito para mim, para que possa correr em meio à lama e aos espinhos, e verás que não tens em mim a pior parte como imaginas.

O dono do gato não deu muita importância ao que ele dissera. Tinha-o visto com certa frequência fazer armadilhas astutas para pegar ratos e camundongos, como quando ficava abaixado sorrateiramente, ou se escondia na farinha, ou se fingia de morto; assim, não perdia totalmente a esperança de conseguir dele alguma ajuda em sua condição miserável. Quando o gato conseguiu o que pedira, calçou-se muito galantemente e, pondo a bolsa no pescoço, segurou suas alças com as duas patas dianteiras e saiu pelas coutadas em que havia grande abundância de coelhos. Pôs farelo de milho e de serralha na bolsa, e,

esticando-se enfim, como se estivesse morto, esperou que alguns coelhinhos, ainda não inteirados dos enganos do mundo, viessem revirar sua bolsa em busca do que havia ali.

Ressabiado, estava esparramado no chão, mas conseguiu o que queria. Um coelhinho tolo e apressado pulou na bolsa, e *Monsieur*Gato imediatamente puxou as tiras, pegou-o e o matou sem piedade. Orgulhoso de sua presa, foi com ela até ao palácio e pediu audiência com Sua Majestade. Mostraram-lhe as escadas até o aposento do rei, e, prostrando-se em reverência, disse-lhe:

– Trouxe-vos, senhor, um coelho da coutada, que meu nobre amo, o senhor Marquês de Carabás (foi esse o título que agradou ao gato dar a seu amo) me ordenou trouxesse de presente a Vossa Majestade.

– Dize a teu amo – disse o rei – que muito lhe agradeço e que me proporcionou grande satisfação.

Noutra ocasião, o gato escondeu-se em um trigal, mantendo a bolsa aberta, e, quando um casal de perdizes nela entrou, puxou suas tiras e prendeu a ambas. Foi levá-las de presente ao rei, como fizera da outra vez com o coelho que capturara na coutada. O rei, de semelhante modo, recebeu as perdizes com grande satisfação, e ordenou que lhe dessem algum dinheiro para uma bebida.

O gato continuou assim por dois ou três meses a levar a Sua Majestade, de tempos em tempos, presentes em nome de seu amo. Um dia em particular, quando soube que o rei sairia para tomar ar às margens do rio com sua filha, a princesa mais linda do mundo, disse a seu amo:

– Se seguires meu conselho, tua sorte estará selada. Tudo que tens de fazer é sair e banhar-te no rio, na parte que te mostrarei, e deixa o resto comigo.

O Marquês de Carabás seguiu o conselho do gato, sem saber por que ou com que propósito. Enquanto se banhava, o rei passou pela região, e o gato começou a gritar:

– Socorro! Socorro! Meu amo, o Marquês de Carabás, está se afogando!

Ao ouvir o barulho, o rei pôs a cabeça para fora da janela da carruagem e, vendo que era o gato que lhe dera tantos presentes, ordenou que seus guardas imediatamente corressem em auxílio de seu senhorio, o Marquês de Carabás. Enquanto retiravam o pobre marquês do rio, o gato foi à carruagem e disse ao rei que, enquanto o marquês se banhava, tinham vindo alguns bandidos que lhe roubaram as roupas, embora ele tivesse gritado “Ladrões, ladrões” muitas vezes, o mais alto que pudera.

Este gato astuto a tinha escondido embaixo de uma grande pedra. O rei imediatamente ordenou que os oficiais de seu guarda-roupa corressem e buscassem um de seus melhores trajes para o lorde Marquês de Carabás.

O rei o afagou de maneira extraordinária, e, tão logo as roupas finas que recebera realçaram ao extremo sua boa aparência (pois ele era muito bonito), a filha do rei secretamente se sentiu atraída por ele; mal o Marquês de Carabás lhe lançara dois ou três olhares gentis e respeitosos, ela apaixonou-se loucamente por ele. O rei precisaria que ele entrasse na carruagem e tomasse parte do passeio. O gato, muito feliz por ver que seu projeto começara a dar certo, seguiu adiante da carruagem e, encontrando-se com alguns camponeses que aravam o campo, disse-lhes:

– Homens de bem que arais a terra, se não disserdes ao rei que o campo que arais pertence ao meu amo, o Marquês de Carabás, sereis picados em pedacinhos como ervas para a panela.

O rei não deixou de perguntar aos camponeses a quem pertencia o campo que aravam.

– A meu senhor, o Marquês de Carabás – responderam em uníssono, pois as ameaças do gato os tinham deixado terrivelmente amedrontados.

– Vês, senhor, este é um campo que nunca deixa de oferecer-nos uma colheita farta todos os anos.

O mestre gato, que ainda seguia à frente, encontrou-se com alguns ceifeiros, e disse-lhes:

– Bons homens que estais na ceifa, se não contardes ao rei que todo este trigo pertence ao Marquês de Carabás, sereis picados em pedacinhos como ervas para a panela.

O rei, que passou pouco depois, precisaria saber a quem pertencia todo aquele trigo que tinha diante dos olhos.

– A meu senhor, o Marquês de Carabás – responderam os ceifeiros, e o rei estava muito satisfeito com isso, assim como o próprio marquês, que recebeu os parabéns. O mestre gato, que sempre seguia adiante, disse as mesmas palavras a todos os que encontrava, e o rei sempre ficava admirado com a vastidão das propriedades do Marquês de Carabás.

Monsieur Gato chegou enfim a um majestoso castelo, cujo dono era um ogro, o mais rico de que já se teve notícia; pois todas as terras por onde o rei tinha passado pertenciam a este castelo. O gato, que tivera o cuidado de informar-se sobre quem era este ogro e o que ele podia fazer, quis falar com ele, dizendo que não poderia passar tão perto do castelo sem ter a honra de prestar-lhe reverências.

O ogro recebeu-o com toda a educação de que um ogro é capaz, e pediu que se sentasse.

– Estou seguro – disse o gato – de que tens o dom de transformar-te em qualquer tipo de criatura que queiras; podes, por exemplo, transformar-te em um leão, ou em um elefante, e assim por diante.

– É verdade – respondeu o ogro vivamente –, e, para convencer-te, tornar-me-ei leão agora, diante de teus olhos.

O gato ficou tão desesperado ao ver um leão tão próximo, que imediatamente entrou na calha, não sem muita

dificuldade e perigo, por causa de suas botas, que lhe eram inúteis para caminhar sobre as telhas. Pouco depois, quando o gato viu que o ogro tinha voltado à sua forma natural, ele desceu e admitiu que tinha ficado deveras assustado.

– Também me contaram – disse o gato –, mas não consigo acreditar nisto, que tens o poder de assumir a forma dos menores animais; por exemplo, podes transformar-te em um rato ou em um camundongo; mas devo admitir que considero isso impossível.

– Impossível?! – exclamou o ogro – Verás isso agora mesmo.

E na mesma hora se transformou em um rato e começou a correr pelo chão. O gato logo o percebeu, pulou sobre ele e o comeu.

Nesse ínterim, o rei, que vira, enquanto passava, esse fino castelo do ogro, pensava em conhecê-lo. O gato, ouvindo o barulho da carruagem de Sua Majestade atravessar a ponte levadiça, correu e disse ao rei:

– Vossa majestade é bem-vindo a este castelo de meu senhor, o Marquês de Carabás.

– O quê?! – exclamou o rei. – Também este castelo pertence a ti, Lorde Marquês?! Não pode haver nada mais fino do que este castelo e todas as imponentes construções que o circundam; permite-nos conhecê-lo, se assim te aprouver.

O marquês deu sua mão à princesa, e seguiu ao rei, que foi o primeiro a entrar. Passaram por uma sala espaçosa, onde encontraram um magnífico banquete, que o ogro preparara para os amigos que naquele mesmo dia o visitariam, mas que não ousaram entrar ao saber que o rei estava lá. Sua Majestade estava encantado com as boas qualidades do Marquês de Carabás, assim como sua filha, que se apaixonara perdidamente por ele. Vendo a vastidão da propriedade que possuía, depois de beber cinco ou seis taças, disse-lhe o rei:

— Senhor Marquês, depende apenas de ti que te tornes meu genro.

O marquês, fazendo reverências, aceitou a honra que Sua Majestade lhe conferira e, sem demora, naquele mesmo dia, casou-se com a princesa.

O gato tornou-se um grande senhor, e nunca mais correu atrás de camundongos senão por diversão.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Azul**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O ANEL DE BRONZE

Traditions Populaires¹

Há muitos e muitos anos, em um reino distante, vivia um rei cujo palácio era cercado por um vasto jardim. No entanto, ainda que fossem muitos os jardineiros e o solo fosse bom, o jardim não dava flores, frutos, grama ou árvores sombrosas. O rei já não tinha esperanças a respeito do jardim, quando um velho sábio lhe disse:

– Vossos jardineiros não conhecem o ofício: mas o que podeis esperar de homens cujos pais eram sapateiros e carpinteiros? Como poderiam ter aprendido a cuidar de vosso jardim?

– Tens razão – lamentou o rei.

– Por isso – prosseguiu o velho – deveis mandar buscar um jardineiro cujos pai e avô, antes dele, tenham sido jardineiros, e dentro de pouco tempo vosso jardim estará recoberto de grama verdejante e de belas flores, e saboreareis deliciosos frutos.

Então, o rei enviou mensageiros a todas as cidades, vilarejos e vilas do reino para buscar um jardineiro cujos antepassados também tivessem sido jardineiros, e, após quarenta dias, encontraram um homem.

– Vem conosco e serás jardineiro do rei – disseram-lhe.

– Como um pobre coitado como eu – disse o jardineiro – poderei ir ter com o rei?

– Isso não importa – responderam-lhe. – Cá estão novas roupas para ti e para tua família.

¹ Traditions Populaires de l'Asie Mineure, Carnoy et Nicolaidès, Paris, Maisonneuve, 1889.

– Mas devo dinheiro a várias pessoas.

– Pagaremos teus débitos – disseram.

Assim, o jardineiro deixou-se convencer e foi-se com os mensageiros, levando consigo a esposa e o filho. O rei, satisfeito por ter encontrado um jardineiro de verdade, confiou-lhe o cuidado de seu jardim. O homem não teve dificuldade em fazer com que o jardim real produzisse flores e frutos: no fim de um ano o parque já não era o mesmo, e o rei encheu o novo criado de presentes.

O jardineiro, como sabeis, tinha um filho; um belo rapaz, de modos agradáveis e que todo dia levava para o rei o melhor fruto do jardim e para sua filha as mais belas flores. Ora, a princesa era incrivelmente bela e tinha apenas dezesseis anos. O rei começara a crer que já estava na hora de ela unir-se em matrimônio.

– Querida filha – disse o rei –, estais na idade de casar, e por isso estou pensando em fazer-vos esposa do filho do primeiro-ministro.

– Pai – respondeu a princesa –, nunca desposarei o filho do ministro.

– Por que não? – perguntou o rei.

– Porque amo o filho do jardineiro – respondeu a princesa.

Ao ouvir isso, o rei ficou muito zangado. Depois chorou e suspirou, e declarou que tal marido não era digno de sua filha. A jovem princesa, todavia, não voltou atrás na decisão de desposar o filho do jardineiro. A essa altura, o rei consultou seus ministros.

– Eis o que Vossa Alteza deve fazer – disseram. Para vos livrardes do jardineiro, deveis enviar ambos os pretendentes a um país distante, e aquele que primeiro retornar deverá casar-se com vossa filha.

O rei seguiu esse conselho. Presenteou o filho do ministro com um cavalo esplêndido e com uma bolsa cheia

de moedas de ouro, ao passo que o filho do jardineiro ganhou apenas um cavalo coxo e uma bolsa repleta de moedas de cobre. Todos pensavam que nunca retornaria da viagem.

Na véspera da partida, a princesa encontrou seu bem-amado e recomendou-lhe:

– Sê bravo e lembra sempre que te amo. Toma esta bolsa cheia de joias e dá a elas o melhor uso que poderes por amor de mim, volta logo e exige minha mão.

Os dois pretendentes deixaram a cidade juntos, mas o filho do ministro disparou a galope em seu maravilhoso cavalo, e logo sumiu de vista, por trás dos montes distantes. Viajou por alguns dias e acabou por alcançar uma fonte ao lado da qual se encontrava uma velha vestida em trapos, sentada em uma pedra.

– Bom dia, jovem viajante – saudou-o a anciã.

O filho do ministro, no entanto, nada respondeu.

– Tem dó de mim, viajante – dirigiu-se a ele novamente. – Estou morrendo de fome; como vês, há três dias estou aqui e ninguém nada me deu.

– Deixa-me em paz, velha bruxa! – exclamou o jovem.
– Nada posso fazer por ti – e, ao dizê-lo, tomou seu rumo.

Naquela mesma tarde, o filho do jardineiro chegou à fonte em seu cinzento cavalo coxo.

– Bom dia, jovem viajante – saudou-o a mendiga.

– Bom dia, boa mulher – respondeu.

– Jovem viajante, tem dó de mim.

– Toma minha bolsa, boa mulher – disse o jovem –, e monta na minha garupa, pois tuas pernas não devem ser muito fortes.

A velha não esperou uma segunda oferta, montou atrás do jovem, e, assim, dessa maneira, chegaram à principal cidade de um poderoso reino. O filho do ministro estava hospedado em uma boa estalagem; o filho do jardi-

neiro e a anciã repousaram em uma estalagem para pedintes. No dia seguinte, o filho do jardineiro ouviu um grande clamor na rua. Os arautos do rei passavam, tocando todo tipo de instrumentos e bradando:

– O rei, nosso senhor, está velho e enfermo. Concederá grande recompensa a quem quer que o cure e o faça recuperar o vigor da juventude.

Então a velha mendiga aconselhou a seu benfeitor:

– Eis o que deves fazer para obter a recompensa prometida pelo rei. Sai da cidade pelo portão sul e lá encontrarás três cachorrinhos de cores diferentes. O primeiro é branco, o segundo negro e o terceiro acobreado. Deverás matá-los, depois incinerá-los separadamente e juntar as cinzas. Coloque as cinzas em sacos da mesma cor de cada cãozinho, depois vai para a frente do palácio e dize bem alto: “Chegou um médico famoso de Janina, na Albânia. Só ele poderá curar o rei e devolver-lhe o vigor da juventude”. Os médicos do rei dirão: “Este é um impostor e não um sábio”, e criarão todo tipo de dificuldades, mas ao fim tu os superarás a todos, e te apresentarás diante do rei enfermo. Deverás, então, pedir tanta madeira quanto três mulas consigam carregar e um grande caldeirão, trancar-te-ás em um quarto com o sultão e, quando o caldeirão ferver, deverás lançá-lo dentro e aí deixá-lo até que suas carnes estejam completamente separadas dos ossos. Então, disporás os ossos nos devidos lugares e sobre eles lançarás as cinzas dos três saquinhos. O rei voltará à vida e terá a mesma aparência de quando tinha vinte anos de idade. Como recompensa, deverás exigir-lhe o anel de bronze que tem o poder de dar tudo o que desejares. Vai, meu filho, e não te esqueças de nenhuma de minhas instruções.

O jovem seguiu as instruções da velha mendiga. Ao sair da cidade, encontrou os cãesinhos branco, acobreado e negro, matou-os a todos e os queimou, juntando as cinzas em três sacos. Correu ao palácio e proclamou:

– Um médico famoso de Janina, na Albânia, acaba de chegar. Somente ele poderá curar o rei e trazer-lhe de volta o vigor da juventude.

Os médicos do rei, inicialmente, riram do viajante desconhecido, mas o sultão ordenou que o estrangeiro fosse acolhido. Trouxeram o caldeirão, o carregamento de madeira, e em pouco tempo o rei estava fervendo. Perto do meio-dia, o filho do jardineiro dispôs os ossos nos devidos lugares, e, mal havia lançado sobre eles as cinzas, o rei voltou à vida, encontrando-se novamente jovem e saudável.

– Como poderei recompensar meu benfeitor? – exclamou. – Gostarias da metade de meus tesouros?

– Não – disse o filho do jardineiro.

– Gostarias da mão de minha filha?

– Não.

– Fica com a metade de meu reino.

– Não. Dá-me somente o anel de bronze que pode conceder instantaneamente qualquer coisa que eu deseje.

– Ai de mim! – disse o rei. – Dou muito valor a este maravilhoso anel; no entanto, deverás possuí-lo.

E deu o anel ao rapaz.

O filho do jardineiro voltou para despedir-se da velha mendiga; então, disse ao anel de bronze:

– Apronta um esplêndido navio para que possa continuar minha jornada. Que o casco seja de puro ouro, os mastros de prata e as velas de brocado. Faz que a tripulação seja de doze jovens de aspecto nobre, vestidos como reis, e que São Nicolau esteja na direção. Quanto à carga, que seja de diamantes, rubis, esmeraldas e granadas orientais.

Imediatamente surgiu um navio no mar que em todos os detalhes se assemelhava à descrição feita pelo filho do jardineiro, que, ao entrar a bordo, continuou a jornada. Dentro de pouco, chegou a uma grande cidade e estabeleceu-se em um magnífico palácio. Alguns dias depois

encontrou seu rival, o filho do primeiro-ministro, que gastara todo o dinheiro que tinha e fora reduzido à desagradável tarefa de catador de pó e de lixo. O filho do jardineiro perguntou-lhe:

– Qual é teu nome? Qual é tua família? De que país vieste?

– Sou o filho do primeiro-ministro de uma grande nação, e, no entanto, vê a que ocupação degradante estou reduzido.

– Ouve: embora não saiba muito a teu respeito, estou disposto a ajudar-te. Dar-te-ei um navio para que voltes a teu país, com uma única condição.

– Qualquer que ela seja, aceito-a de boa vontade.

– Segue-me até ao palácio.

O filho do primeiro-ministro seguiu o rico desconhecido, a quem não tinha identificado. Ao chegar ao palácio, o filho do jardineiro acenou aos escravos para que despissem o recém-chegado.

– Ponham este anel em brasa – ordenou o mestre – e marquem este homem nas costas.

Os escravos lhe obedeceram.

– Agora, jovem – disse o rico desconhecido –, dar-te-ei uma embarcação que te levará de volta ao teu país.

Ao sair, tomou nas mãos o anel de bronze e disse:

– Anel de bronze, obedece a vosso mestre. Prepara-me um navio de madeira apodrecida pintado de preto, com velas em farrapos e marinheiros enfermos e adoentados. Um deverá ter perdido uma perna, outro um braço, o terceiro será um corcunda, outro ainda deverá ser manco, ter perna de pau ou ser cego. Todos deverão ser horrendos e cobertos de cicatrizes. Vai, e faz com que minhas ordens sejam executadas.

O filho do primeiro-ministro embarcou nesse navio velho e, graças aos ventos favoráveis, finalmente chegou a

seu país. Apesar das condições deploráveis em que retornou, foi recebido com alegria.

– Sou o primeiro a voltar – disse ele ao rei –; agora cumpra vossa promessa e dai-me a mão da princesa em matrimônio.

Desse modo, imediatamente começaram a preparar os festejos das bodas. A pobre princesa, contudo, estava triste e furiosa com isso.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, um maravilhoso navio de velas veio a ancorar na cidade. Calhou de o rei estar, naquele momento, na janela do palácio.

– Que navio estranho – exclamou: – casco dourado, mastros de prata e velas de seda. Quem são os jovens príncipes que o tripulam? Não é que vejo São Nicolau ao leme? Partam imediatamente e convidem o capitão do navio para vir ao palácio.

Os servos lhe obedeceram, e logo apareceu um jovem príncipe esplendorosamente belo, vestido em fina seda, ornamentada com pérolas e diamantes.

– Meu jovem – cumprimentou-o o rei –, és bem-vindo, quem quer que sejas. Faz-me o favor de ser meu convidado enquanto estiveres na capital.

– Mui agradecido, Alteza – respondeu o capitão –, aceito vossa oferta.

– Minha filha está para casar-se – disse o rei –; gostarías de entregá-la ao noivo no altar?

– Ficaria encantado, Vossa Alteza.

Logo após, chegaram a princesa e o noivo.

– Ora, como assim!? – exclamou o jovem capitão. – Vossa Alteza casaria esta encantadora princesa com tal homem?

– Mas é o filho de meu primeiro-ministro!

– Que importa? Não posso entregar vossa filha no

altar. O homem a quem ela está prometida é um de meus servos.

— Vosso servo?

— Sem dúvida. Encontrei-o em uma cidade distante rebaixado a catador de pó e de lixo das casas. Tive pena dele e o recebi como a um de meus servos.

— Isso é impossível! – bradou o rei.

— Vossa Alteza gostaria que comprovasse o que digo? Este jovem retornou em uma embarcação que lhe forneci, um navio de casco preto deteriorado, incapaz de navegar longe, com marinheiros enfermos e aleijados.

— Isso é verdade – disse o rei.

— É mentira – disse o filho do primeiro-ministro. – Não conheço esse homem!

— Senhor – disse o jovem capitão –, ordenai que o noivo de vossa filha seja despido e vede se a marca de meu anel não está ferrada em suas costas.

O rei estava para dar as ordens, quando o filho do primeiro-ministro, para poupar-se de tamanha indignidade, admitiu ser verdadeira a história.

— E agora Vossa Alteza não me reconhece? – disse o jovem capitão.

— Eu te reconheço – disse a princesa –, és o filho do jardineiro a quem sempre amei e é a ti que desejo desposar.

— Jovem, serás meu genro – exclamou o rei. – As festividades das bodas já começaram; portanto, deverás desposar minha filha hoje mesmo.

E assim, naquele mesmo dia, o filho do jardineiro se casou com a bela princesa.

Vários meses se passaram. O jovem casal estava extremamente feliz, e o rei cada vez mais satisfeito consigo por ter conseguido um genro como aquele. No entanto, dentro de pouco o capitão do navio dourado viu ser necessá-

rio fazer uma longa viagem e, após abraçar ternamente a mulher, partiu.

Ora, nas redondezas da capital vivia um velho, que passara a vida a estudar as artes das trevas - alquimia, astrologia, mágica e encantamentos. Esse homem descobriu que o filho do jardineiro só tinha conseguido casar-se com a princesa com a ajuda de um gênio que obedecia ao anel de bronze.

– Hei de ter esse anel - disse a seus botões. Então, foi até à beira-mar e pescou uns peixinhos vermelhos. Na verdade, eram muito bonitinhos. Ao retornar, passou diante da janela da princesa e começou a falar bem alto:

– Quem quer lindos peixinhos vermelhos?

A princesa o ouviu e enviou suas escravas, que perguntaram ao velho mascate:

– Quanto queres pelos peixes?

– Um anel de bronze.

– Um anel de bronze, velho parvo?! E onde acharei um anel assim?

– Debaixo da almofada no quarto da princesa.

As escravas retornaram à senhora.

– O velho louco não quer ouro nem prata - disse uma delas.

– O que ele quer, então?

– Um anel de bronze que está escondido debaixo de uma almofada.

– Acha o anel e dá-lho tu a ele - disse a princesa.

Por fim, a escrava achou o anel de bronze que o capitão do navio dourado, por acidente, esquecerara e o levou até ao homem, que fugiu em um instante.

Tão logo chegou à sua casa, o velho tomou o anel e disse:

– Anel de bronze, obedece a vosso mestre. Desejo que

o navio dourado se transforme em um navio de madeira escura, e a tripulação em negros terríveis. Que São Nicolau largue o leme, e que a única carga sejam gatos pretos.

O gênio do anel de bronze lhe obedeceu.

Ao ver-se no mar nessa condição miserável, o jovem capitão compreendeu que alguém devia ter-lhe roubado o anel de bronze, e lamentou em alta voz seu infortúnio; mas isso não fez diferença.

– Ai de mim! – disse-se a si mesmo –, quem quer que tenha roubado meu anel provavelmente levou consigo minha querida mulher. Que benefício poderia ter em retornar a meu país?

E velejou de ilha em ilha, de costa em costa, acreditando que em qualquer lugar a que fosse todos estariam rindo-se dele, e logo sua pobreza era tão grande, que ele, a tripulação e os pobres gatos pretos nada tinham para comer senão ervas e raízes. Depois de muito vagar, chegou a uma ilha habitada por camundongos. O capitão ancorou na costa e começou a explorar o terreno. Os camundongos estavam em todo lugar, e não havia senão camundongos. Alguns dos gatos pretos o seguiram e, por não terem alimento fazia vários dias, estavam terrivelmente famintos, causando um tremendo estrago entre os ratos.

A rainha dos camundongos reuniu um conselho.

– Esses gatos nos devorarão a todos – disse – se o capitão do navio não prender esses animais ferozes. Envie-mos-lhe uma delegação dos mais bravos de nós.

Vários camundongos se ofereceram para tal missão e partiram para encontrar o jovem capitão.

– Capitão – disseram –, parte rapidamente desta ilha ou perecerá cada um de nós, camundongos.

– Com prazer – respondeu o jovem capitão –, com uma condição. Antes, que tragais de volta o anel de bronze que algum mago hábil roubou de mim. Se não o fizerdes,

desembarcarei todos os meus gatos em vossa ilha e sereis exterminados.

Os camundongos partiram consternados.

– O que devemos fazer? – inquiriu a rainha. – Como encontraremos esse anel de bronze?

Convocou um novo conselho, chamando os ratos de todos os cantos do globo, mas ninguém sabia onde estava o anel de bronze.

De repente, chegaram três camundongos de um país muito distante. Um deles era cego, o segundo era coxo, e o terceiro tinha as orelhas cortadas.

– Ho, ho, ho! – disseram os recém-chegados – viemos de um país muito distante.

– Vós sabeis onde está o anel de bronze que submete o gênio?

– Ho, ho, ho! Sabemos. Um velho feiticeiro o possui agora. Mantém-no dentro do bolso durante o dia e dentro da boca durante a noite.

– Ide e tomai-o dele. Voltai assim que puderdes.

Assim, os três camundongos construíram um barco e partiram para a terra do feiticeiro. Ao chegarem à capital, atracaram e correram para o palácio, deixando no litoral somente o rato cego para tomar conta do barco. Esperaram até o anoitecer. O velho malvado deitou-se na cama, pôs o anel de bronze na boca e logo caiu no sono.

– O que faremos agora? – disse um animal ao outro.

O camundongo de orelhas cortadas encontrou uma lamparina cheia de óleo e um frasco cheio de pimenta. Então, mergulhou o rabo primeiro no óleo e depois na pimenta, e o enfiou no nariz do feiticeiro.

– Atchim! Atchim! – espirrou o velho, mas não acordou. O espirro fez com que o anel de bronze pulasse de sua boca. Rapidamente o camundongo coxo arrebatou o precioso talismã e levou-o para o barco.

Podeis imaginar o desespero do mago quando acordou e não encontrou o anel de bronze em nenhum lugar! Entretanto, nesse momento os três ratinhos tinham zarpado com seu prêmio. Uma brisa favorável os levou para a ilha onde a rainha dos camundongos os esperava. Naturalmente, começaram a falar sobre o anel de bronze.

– Quem de nós merece maior crédito? – bradaram ao mesmo tempo.

– Eu – disse o rato cego –, porque sem minha vigilância nosso barco se afastaria para mar aberto.

– Claro que não – berrou o rato de orelhas cortadas –, o crédito é meu. Não fui eu o que fez o anel pular da boca do homem?

– Não, o crédito é meu – exclamou o rato coxo –, fui eu o que correu com o anel.

E dos berros logo vieram os socos, e, que azar! quando a briga estava no auge, o anel de bronze caiu no fundo do mar.

– Como poderemos encarar nossa rainha? – disseram os três ratos. – Ao perdermos, por tolice, o talismã, condenamos nosso povo ao extermínio total. Não podemos voltar a nosso país, aportemos nesta ilha deserta e deixemos que aqui terminem nossos miseráveis dias.

Dito e feito. O barco chegou a tal ilha e os ratos desembarcaram. O camundongo cego foi rapidamente desertado pelos outros dois, que partiram para caçar moscas. No entanto, enquanto vagava triste pelo litoral, o rato cego encontrou um peixe morto, e estava a comê-lo quando sentiu alguma coisa dura. Ao ouvirem os gritos, os outros dois camundongos chegaram correndo.

– É o anel de bronze! É o talismã! – gritaram alegremente, e, ao subirem de novo no barco, logo chegaram à ilha dos camundongos. Chegaram na hora certa, pois o capitão estava justamente desembarcando o carregamento

de gatos quando a delegação dos camundongos lhe trouxe o precioso anel de bronze.

— Anel de bronze – ordenou o jovem –, obedece a vosso mestre. Faze com que meu navio volte a ser como antes.

Imediatamente, o gênio do anel pôs-se a trabalhar, e o velho navio enegrecido transformou-se novamente no maravilhoso navio dourado com velas de brocado; os belos marinheiros correram para os mastros de prata e para as cordas de seda, e logo zarparam para a capital. Ah! como os marinheiros cantavam alegremente ao navegar nas águas transparentes do mar!

Por fim, alcançaram o porto. O capitão desembarcou e correu para o palácio, onde encontrou o velho malvado a dormir. A princesa envolveu o marido em um longo abraço. O mago tentou escapar, mas foi preso e amarrado com cordas fortes.

No dia seguinte, o feiticeiro, amarrado à cauda de um burro selvagem carregado de nozes, foi partido em tantos pedaços quantas eram as muitas nozes no lombo do burro.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Azul**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

CHAPEUZINHO VERMELHO

Charles Perrault

Há muitos e muitos anos vivia em um certo vilarejo uma camponesinha, a mais bela criatura já vista. Sua mãe era-lhe extremamente afeiçãoada, e a avó a adorava ainda mais. Esta boa mulher fizera para a menina uma capinha vermelha com capuz que lhe caía tão bem, que todos a chamavam Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, após fazer uns manjares, disse-lhe:

– Vai, minha querida, vê como está tua avozinha, pois ouvi dizer que estava muito doente. Dá-lhe um manjar e este potinho de manteiga.

Chapeuzinho partiu imediatamente para visitar a avó, que vivia em outro vilarejo. Ao cruzar a floresta, encontrou um lobo velhote que tinha a grande ideia de devorá-la, mas que não ousava fazê-lo por causa dos catadores de lenha que viviam pela floresta. Perguntou-lhe para onde ia. A pobrezinha, que não sabia ser perigoso aproximar-se de lobo e ouvir conversa sua, disse:

– Vou ver minha vovozinha e levar-lhe um manjar e um pote de manteiga feitos pela mamãe.

– Ela mora muito longe? – perguntou o lobo.

– Ah, pobre de mim! – respondeu Chapeuzinho Vermelho – fica depois daquele moinho que vês ali adiante, na primeira casa do vilarejo.

– Bem – disse o lobo –, irei contigo e a visitarei também. Seguirei por este caminho e tu segue por aquele, e assim veremos quem chegará primeiro.

O lobo começou a correr o mais rápido que podia, tomando o caminho mais curto, e a menininha foi pelo mais distante, distraíndo-se a colher nozes, a correr atrás de borboletas e a colher buquês de todas as flores que encontrava. O lobo não demorou a chegar à casa da velha senhora. Bateu à porta:

– Toc, toc.

– Quem está aí?

– Tua neta, Chapeuzinho Vermelho – respondeu o lobo, imitando a voz da menina. – Trago-te um manjar e um potinho de manteiga feitos pela mamãezinha.

A boa avó, acamada por estar um tanto doente, gritou:

– Puxa a tramela da porta e o trinco subirá.

O lobo puxou a tramela e a porta se abriu, e então imediatamente se lançou na direção da boa senhora e a devorou em um instante, pois fazia mais de três dias não via um naco de comida sequer. Depois, fechou a porta e foi para a cama da avó, para esperar Chapeuzinho Vermelho, que chegou algum tempo depois e bateu à porta:

– Toc, toc.

– Quem está aí?

Chapeuzinho, no início, ao ouvir o vozeirão do lobo, ficou com medo, mas, por achar que sua avó pegara um resfriado e ficara rouca, respondeu:

– É tua netinha, Chapeuzinho Vermelho; trago-te um manjar e um potinho de manteiga feitos pela mamãezinha.

O lobo gritou-lhe, suavizando a voz tanto quanto podia:

– Puxa a tramela da porta e o trinco subirá.

Chapeuzinho puxou a tramela e a porta se abriu.

O lobo, vendo a menina entrar, disse-lhe, escondendo-se debaixo das roupas de cama:

– Põe o manjar e o potinho de manteiga no banco e vem cá deitar-te comigo.

Chapeuzinho despiu-se e foi para a cama, onde, muito espantada com a aparência da avó em trajes de dormir, disse-lhe:

- Vovozinha, que braços grandes tens!
- São para abraçar-te melhor, minha querida.
- Vovozinha, que pernas grandes tens!
- São para correr melhor, minha criança.
- Vovozinha, que orelhas grandes tens!
- São para ouvir melhor, minha filha.
- Vovozinha, que olhos grandes tens!
- São para ver melhor, minha criança.
- Vovozinha, que dentes grandes tens!
- São para te devorar!

E, ao dizer tais palavras, o lobo mau lançou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Azul**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

<http://www.iJosimar.com.br>

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE

Charles Perrault

Era uma vez um rei e uma rainha muito tristes por não terem filhos; tão tristes que nem conseguiam expressar esta tristeza. Foram a todas as fontes milagrosas do mundo, fizeram promessas, votos, peregrinações; tentaram de tudo, e tudo em vão.

Enfim, contudo, a rainha teve uma filha. Houve um batismo belíssimo; e a princesa teve por madrinhas todas as fadas que tinham podido encontrar no reino (tinham encontrado sete), de maneira que cada uma delas lhe deu um presente, conforme o costume das fadas daqueles dias. A princesa recebeu assim todas as perfeições imagináveis.

Depois que acabaram as cerimônias do batismo, toda a companhia voltou ao palácio do rei, onde estava preparado um grande banquete para as fadas. Estava posto diante de cada uma delas um estojo de ouro maciço com uma tampa magnífica, onde se encontravam colher, faca e garfo, todos de ouro puro e adornados de diamantes e de rubis. Enquanto se sentavam à mesa, viram entrar na sala uma fada muito velha, que não tinha sido convidada porque havia mais de cinquenta anos estava numa torre e se acreditava que estivesse morta ou enfeitiçada.

O rei ordenou que lhe trouxessem os talheres, mas não foi possível dar-lhe um estojo de ouro como os demais, porque só havia sete, feitos para as sete fadas. A velha fada imaginou que fora menosprezada e murmurou algumas ameaças entre dentes. Uma das jovens fadas, que se sentara ao lado dela, entreouviu as queixas; e, julgando que a velha poderia dar à princesinha algum presente agourento, saiu assim que se levantaram da mesa e escondeu-se atrás das

cortinas, para que pudesse ser a última a falar e reparar, tanto quanto possível, o mal que a velha fada intentasse.

Nesse ínterim, todas as fadas começaram a dar os presentes à princesa. A mais nova deu-lhe o dom de ser a pessoa mais linda do mundo; a seguinte, de ter a inteligência de um anjo; a terceira, de ter uma graça maravilhosa em tudo o que dissesse; a quarta, de dançar perfeitamente bem; a quinta, de cantar como um rouxinol; e a sexta, de tocar todos os tipos de música com máxima perfeição.

A velha fada seria a próxima e, sacudindo a cabeça mais por despeito que pela idade, disse que a princesa espetaria a mão numa roca e morreria por causa da ferida. Este presente terrível fez toda a companhia tremer, e todos caíram no choro.

Neste exato momento, a fada jovem saiu de trás das cortinas e disse em voz audível as seguintes palavras:

– Asseguro-vos, ó meu rei e minha rainha, que vossa filha não morrerá nesse desastre. É verdade, não tenho o poder de desfazer por completo o que a fada mais velha fez. A princesa deve, de fato, espetar a mão numa roca, mas, em vez de morrer, tão somente cairá num sono profundo que durará cem anos, ao fim dos quais o filho de um rei virá acordá-la.

O rei, para evitar o infortúnio vaticinado pela fada velha, emitiu um decreto pelo qual proibia a todos, sob pena de morte, fiar com roca ou fuso, e até ter uma roca em casa. Cerca de quinze anos depois disso, o rei e a rainha foram a uma de suas casas de veraneio, e aconteceu um dia que a princesa brincou no palácio, correndo para cima e para baixo; enquanto ia de um aposento a outro, chegou a um pequeno cômodo no alto da torre, onde uma velha, sozinha, estava fiando numa roca. Essa boa mulher jamais ouvira o decreto do rei que proibia as rocas.

– Que fazes aí, minha boa mulher? – perguntou a princesa.

— Estou fiando, minha bela menina – disse a velha, que não sabia quem era aquela criança.

— Ah! – disse a princesa. – Isso é muito interessante. Como fazes isso? Posso ver se também consigo fazer?

Ela mal tinha tomado o fuso nas mãos quando, impaciente e meio desajeitada, cumpriu-se o vaticínio da fada: o fuso espetou-lhe a mão, e ela caiu desmaiada.

A boa senhora, sem saber muito bem o que fazer naquela situação, gritou por socorro. As pessoas vieram de todas as partes, em grande número; jogaram água no rosto da princesa, afrouxaram-lhe as roupas, apertaram-lhe as palmas das mãos e esfregaram-lhe as têmporas com água-da-hungria², mas nada a trouxe de volta a si.

E agora o rei, que ouvira todo o barulho, lembrou a predição das fadas e, considerando que isso fatalmente tinha de acontecer, uma vez que as fadas o tinham dito, ordenou que a princesa fosse levada para o melhor aposento de seu palácio e fosse posta numa cama adornada de prata e de ouro.

Parecia um anjinho, de tão linda que era; seu desfalecimento em nada afetara sua beleza; suas bochechas continuavam rosadas, e seus lábios avermelhados; de fato, seus olhos estavam fechados, mas ouvia-se-lhe a respiração branda, o que convencia a todos de que não estava morta. O rei ordenou que ninguém a perturbasse, senão que a deixassem dormir tranquilamente até que chegasse a hora de seu despertar.

A boa fada, que salvara a vida da princesa ao substituir a sentença de morte por um sono de cem anos, estava no reino de Mataquim, a doze mil léguas, quando sucedeu este acidente à princesa, mas logo foi informada por um anãozinho que tinha botas de sete léguas, isto é, botas com que podia percorrer mais de sete léguas em um único passo. A fada veio imediatamente e chegou, cerca de uma

2 Um tipo de água de colônia com propriedades curativas.

hora depois, numa carruagem flamejante puxada por dragões.

O rei ajudou-a a descer da carruagem, e ela aprovou tudo que ele havia feito, mas, como tinha grande presciência, pensou que, quando despertasse, a princesa não saberia o que fazer, sozinha num palácio velho; então fez o seguinte: tocou com sua varinha a todos no palácio (exceto o rei e a rainha) – governantas, damas de honra, camareiras, cavalheiros, oficiais, mordomos, cozinheiros, copeiros, guardas paramentados, mensageiros, criados; da mesma forma, tocou todos os cavalos que estavam nos estábulos, bem como os demais, e os cães que estavam no pátio externo, incluindo a pequena Mopsey, a cachorrinha da princesa, que dormia com ela na cama.

Assim que eram tocados, caíam no sono, de maneira que não despertariam antes de sua ama e estariam prontos para esperá-la quanto esta os desejasse. Até as fagulhas do fogo, à toda enquanto assavam perdizes e faisões, adormeceram na posição em que estavam. Tudo isso se fez em um instante. Fadas não brincam em serviço.

O rei e a rainha, tendo beijado sua filha querida sem despertá-la, saíram do palácio e emitiram um decreto que proibia que alguém se aproximasse dali.

Isso, entretanto, não era necessário, pois em quinze minutos cresceram na área em torno do palácio inúmeras árvores, grandes e pequenas, arbustos e sarças, entrelaçando-se entre si, de maneira que nem homem nem animal podiam entrar por ali; e tampouco havia como sair. Ninguém duvidava, mas a fada deu neste caso uma amostra extraordinária de sua arte; assim a princesa, enquanto continuasse a dormir, nada tinha que temer de curiosos.

Ao fim dos cem anos, passava por ali o filho do rei que então governava e que era de outra família que a da princesa adormecida; passava por aquela parte do país numa caçada. Perguntou a muitos:

– Que são aquelas torres em meio à mata fechada?

Todos responderam segundo o que tinham ouvido. Alguns disseram:

– São as ruínas de um velho castelo, assombrado por espíritos.

Outros disseram que todos os feiticeiros e todas as bruxas da região praticavam ali seu sabá ou encontro noturno.

A opinião mais comum era que ali vivia um ogro que levava para lá todas as criancinhas que capturava, para que pudesse comê-las quando quisesse, sem que ninguém o pudesse seguir, porque só ele tinha o poder de atravessar o bosque.

O príncipe estava confuso, sem saber em que acreditar, quando um bom camponês lhe disse o seguinte:

– Vossa Alteza, cerca de cinquenta anos atrás ouvi de meu pai, que ouvira de meu avô, que havia neste castelo uma princesa, a mais linda já vista; ela deve dormir lá por cem anos e será acordada pelo filho de um rei, a quem está prometida.

O jovem príncipe ficou todo empolgado com essas palavras, acreditando, sem pensar no assunto, que podia pôr um fim a essa rara aventura; e, impelido pelo amor e pela honra, resolveu naquele momento investigar.

Mal tinha começado a avançar em direção ao bosque, todas as grandes árvores, todos os arbustos e todas as sarças se afastaram para dar-lhe passagem; caminhou até ao castelo que via no fim da larga alameda por que passava; o que o surpreendeu foi que nenhum de seus homens o puderam seguir, porque as árvores se fechavam novamente conforme ele passava. Contudo, não deixou de seguir seu caminho; um príncipe jovem e apaixonado sempre é valente.

Ele entrou num pátio externo espaçoso, onde tudo o que viu congelaria de temor até a pessoa mais destemida.

Ali reinava o silêncio mais aterrador; a imagem da morte mostrava-se por todas as partes, e não havia nada para ser visto além de corpos de homens e animais estendidos, todos parecendo mortos. Ele, entretanto, sabia muito bem, pelos rostos rosados e pelas espinhas no nariz dos soldados da guarda real, que estavam apenas dormindo; e as taças, em que ainda havia algumas gotas de vinho, mostravam claramente que tinham caído no sono bêbados.

Então cruzou o pátio pavimentado de mármore, subiu as escadas e entrou na sala da guarda, onde os guardas estavam em suas posições, com o mosquete no ombro e roncando o mais alto que podiam. Depois disso, foi a diversos cômodos cheios de cavalheiros e de damas, todos dormindo, alguns em pé, outros sentados. Por fim, entrou num aposento todo adornado de ouro, onde viu sobre uma cama, cujas cortinas estavam abertas, a mais linda visão que jamais tivera - uma princesa, que parecia ter quinze ou dezesseis anos, e cuja beleza brilhante e, de certa forma, resplandecente tinha algo de divino. Aproximou-se com temor e com admiração e prostrou-se diante dela.

Ora, como o encantamento estava no fim, a princesa despertou e, olhando-o com olhos mais ternos do que à primeira vista podia parecer admitir, disse:

– És tu, meu príncipe? – perguntou ela. – Esperaste-me muito tempo.

O príncipe, fascinado por essas palavras, e sobretudo pela maneira como tinham sido ditas, não sabia como mostrar sua alegria e sua gratidão; assegurou-lhe que a amava mais que a si mesmo; o discurso não estava bem articulado; eles mais choravam que conversavam - eloquência de menos, amor de mais. Ele estava mais confuso que ela, e não é de surpreender; ela tivera tempo para pensar no que dizer-lhe; pois é bem provável (embora a história nada diga sobre o assunto) que a boa fada, durante um sono tão longo, dera-lhe toda a sorte de sonhos agradáveis. Em

suma, conversaram por quatro horas e ainda não tinham dito nem metade do que tinham que dizer.

Nesse ínterim, todos no palácio acordaram; todos pensaram em seus afazeres particulares e, como não estavam apaixonados, estavam é mortos de fome. A principal das damas de honra, sendo mais perspicaz que os demais, ficou muito impaciente e disse à princesa em voz alta que o jantar estava servido. O príncipe ajudou a princesa a levantar-se; ela estava inteiramente vestida, com todo o esplendor, mas Sua Alteza teve o cuidado de não dizer-lhe que estava vestida como sua avó e que tinha uma faixa aparecendo sobre a gola alta; no entanto, não parecia nem um pouco menos charmosa e linda por causa disso.

Foram à grande sala de espelhos, onde jantaram e foram servidos pelos oficiais da princesa, violinos e oboés tocaram canções antigas, mas excelentes, embora já fizesse mais de cem anos desde a última vez que haviam sido tocadas; e, depois do jantar, sem perder tempo, o capelão real casou-os na capela do castelo, e a chefe das damas de honra fechou as cortinas. Dormiram muito pouco - a princesa nem tinha motivo; o príncipe deixou-a na manhã seguinte para voltar à cidade, onde seu pai devia estar sentindo sua falta. O príncipe contou-lhe que se tinha perdido na floresta durante a caçada e que repousara na cabana de um carvoeiro, que lhe dera queijo e pão preto.

O rei, seu pai, que era um homem bom, acreditou nele; mas sua mãe podia não estar convencida de que fosse verdade; e, vendo que ele saía quase todos os dias para caçar e que sempre tinha alguma desculpa para isso, embora tivesse dormido fora três ou quatro noites seguidas, ela começou a suspeitar que o filho estivesse casado - a essa altura, o príncipe vivia com a princesa havia mais de dois anos e tinha com ela dois filhos, o mais velho dos quais era uma menina chamada Aurora, e o mais novo um menino chamado Dia, porque era muito mais vistoso e bonito que a irmã.

A rainha conversou diversas vezes com o filho, para informar-se de como ele havia passado seu tempo, e ele tinha o dever de satisfazê-la. Contudo, embora a amasse, nunca chegou a confiar nela, porque era da linhagem dos ogros, e o rei jamais se teria casado com ela não fosse por sua vasta riqueza; na corte corria o boato de que ela ainda tinha inclinações ogradas e que, sempre que via criancinhas, tinha toda a dificuldade do mundo para não atacá-las. E assim o príncipe nunca lhe disse uma palavra sequer sobre os filhos.

Todavia, quando o rei morreu, o que aconteceu mais ou menos dois anos depois, e o príncipe se viu senhor e mestre, declarou abertamente seu casamento e, numa grande cerimônia, levou sua rainha ao palácio. Prepararam uma entrada gloriosa na cidade, com a princesa acompanhada dos dois filhos.

Pouco depois o rei recém-empossado foi à guerra contra o imperador Contalabutte, seu vizinho. Deixou o governo do reino aos cuidados da rainha sua mãe, e recomendou seriamente que cuidasse de sua mulher e de seus filhos. Ele foi obrigado a continuar sua expedição durante todo o verão, e assim que partiu a rainha mãe enviou a nora a uma casa de campo no bosque, para que pudesse satisfazer com mais tranquilidade seu terrível anseio.

Alguns dias depois, ela mesma foi até lá e disse a seu cozinheiro:

– Pretendo comer a pequena Aurora amanhã no jantar.

– Ah! madame - exclamou o cozinheiro.

– É o que terei - respondeu a rainha (e disse isto naquele tom de ogra com forte desejo de comer carne fresca) -, e a comerei com molho de mostarda.

O pobre homem, sabendo muito bem que não devia pregar peças em ogros, tomou seu facão e foi ao quarto de Aurora. Ela tinha, então, quatro anos de idade, e foi até a

ele pulando e sorrindo, abraçou-o pelo pescoço e pediu-lhe um docinho. O cozinheiro começou a chorar, e o facão caiu-lhe das mãos; foi ao quintal dos fundos, matou um cervo e preparou-o com um molho tão bom que sua senhora lhe garantiu que jamais havia comido algo tão delicioso em toda a vida. Ao mesmo tempo, ele teve de pegar a pequena Aurora e levá-la à sua esposa, para escondê-la no alojamento que havia nos fundos do quintal.

Mais ou menos oito dias depois, a rainha má disse ao cozinheiro:

– Cearei o pequeno Dia.

Ele nada respondeu, decidido a enganá-la como da outra vez. Saiu para procurar o pequeno Dia, e viu-o com um florete nas mãos, com o qual combatia um grande macaco; a criança tinha então só três anos de idade. Tomou-o nos braços e levou-o até a esposa, para que esta pudesse escondê-lo no quarto junto com a irmã, e em lugar do pequeno Dia cozinhou um jovem cabrito, muito tenro, que a ogra achou maravilhoso.

Tudo correria bem até então; mas certa noite a rainha má disse ao cozinheiro:

– Comerei a rainha com o mesmo molho com que comi a filha dela.

Foi neste momento que o pobre cozinheiro se desesperou, por não saber como enganá-la. A jovem rainha já completara vinte anos, se desconsiderados os anos que passara dormindo; e intrigava-o como encontrar no curral um animal cuja carne fosse dura o bastante. Decidiu, então, para salvar sua própria vida, que cortaria a garganta da rainha; e, dirigindo-se ao quarto dela, com o intento de fazer isso de uma vez, alimentou toda a fúria de que era capaz, e entrou no aposento da jovem rainha com a adaga na mão. Todavia, não a surpreenderia; antes, contar-lhe-ia mui respeitosamente as ordens recebidas da rainha mãe.

– Faze-o; faze-o - disse ela, esticando o pescoço. -

Cumpra as ordens que recebeste, e então partirei e verei meus filhos, meus pobres filhinhos, a quem tão ternamente amei.

Pois ela os tinha por mortos desde que tinham sido tomados sem seu conhecimento.

– Não, não, senhora – exclamou o pobre cozinheiro, aos prantos. – Não morrerás e ainda te será possível ver teus filhos novamente; mas então deves ir para casa comigo, a meu alojamento, onde os escondi, e enganarei a rainha uma vez mais, servindo-lhe uma corça em teu lugar.

Depois disso, sem demora a conduziu até seu quarto, onde, deixando-a abraçar os filhos, e chorar com eles, foi preparar uma corça, que seria servida no jantar; a rainha mãe devorou-a com o mesmo apetite, como se fosse a jovem rainha. Ficou extraordinariamente feliz com sua própria crueldade, e já tinha inventado uma história para contar ao rei, quando de seu retorno, sobre como lobos ferozes haviam comido sua esposa e seus dois filhos.

Certa noite, enquanto vagueava pelo pátio do palácio, como era seu costume, para ver se sentia o cheiro de carne fresca, a rainha ouviu, num dos quartos do fundo, o pequeno Dia chorar, pois sua mãe o castigara por sua desobediência; e ela ouviu, ao mesmo tempo, a pequena Aurora pedir desculpas ao irmão.

A ogra logo reconheceu a voz da rainha e de seus filhos, e ficou furiosa por ver-se enganada. Ordenou na manhã seguinte, ao raiar do dia (com a voz mais terrível, que fez todos tremer), que fosse trazido para o meio do pátio maior um grande caldeirão, cheio de sapos, de víboras, de cobras e de todos os tipos de serpentes, a fim de que ali fossem lançados a rainha com os filhos, o cozinheiro, sua esposa e sua camareira; todos a quem ela tinha dado ordens deveriam ser trazidos até ali com as mãos atadas atrás das costas.

Assim foram trazidos, e os verdugos estavam prestes

a lançá-los no caldeirão quando o rei (que não era esperado tão cedo) entrou no pátio no lombo do cavalo (pois vinha fazer um anúncio) e perguntou, com extrema perplexidade, o que significava aquele espetáculo horrível.

Ninguém ousou contar-lhe, até que a ogra, tomada de cólera por ver o que acontecera, lançou-se de cabeça no caldeirão e foi instantaneamente devorada pelas criaturas repugnantes em que ordenara que os outros fossem lançados. O rei nada pôde fazer senão lamentar muito, pois era sua mãe; todavia, logo foi consolado por sua linda esposa e seus queridos filhinhos.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Azul**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

As mil e uma noites

Era uma vez um alfaiate pobre que tinha um filho chamado Aladim, um menino descuidado, desocupado, que não fazia nada a não ser jogar bola o dia todo nas ruas com meninos vadios como ele. Essa situação entristeceu tanto o pai, que lhe causou a morte; mesmo assim, apesar das lágrimas e das orações de sua mãe, Aladim não se emendou. Um dia, quando estava brincando nas ruas, como de costume, um estranho quis saber sua idade, e se era filho de Mustafá, o alfaiate.

– Sou, sim senhor – respondeu Aladim –; mas ele morreu há muito tempo.

Quando ouviu isso, o estranho, que era um famoso mago africano, despencou sobre seu pescoço e o beijou, exclamando:

– Sou teu tio, e te reconheci pela tua semelhança com meu irmão. Vai até tua mãe e dize-lhe que estou chegando.

Aladim correu à casa e contou à mãe sobre o tio recém-descoberto.

– De fato, meu filho – confirmou –, teu pai tinha um irmão, mas sempre achei que fosse falecido.

Mesmo assim, preparou a ceia, e mandou que Aladim procurasse o tio, que chegou trazendo vinho e frutas. Em seguida, prostrou-se e beijou o lugar em que Mustafá costumava sentar-se, pedindo à mãe de Aladim que não se surpreendesse por não ter aparecido antes, porque havia quarenta anos estava fora do país. Dirigiu-se então a Aladim, e perguntou-lhe qual era seu ofício, e, ao ouvir a pergunta, o menino baixou a cabeça, e sua mãe pôs-se a

chorar. Ao saber que Aladim não fazia nada e não queria aprender nenhum ofício, ofereceu-se para estabelecer uma loja para ele e provê-la de mercadorias. No dia seguinte, comprou para Aladim um conjunto de roupas requintadas e levou-o por toda a cidade, mostrando-lhe os pontos de interesse, e, ao anoitecer, trouxe-o de volta a casa para sua mãe, que ficou muito feliz ao ver seu filho tão bem.

No dia seguinte, o mago levou Aladim a alguns belos jardins bem distantes das muralhas da cidade. Sentaram-se junto a uma fonte, e o mago sacou um bolo do cinturão, que dividiu entre eles. Logo, seguiram viagem até quase chegar às montanhas. Aladim estava tão cansado que implorava para retornar, mas o mago o ludibriava com histórias divertidas, e o conduzia a despeito de sua própria vontade. Por fim, chegaram a duas montanhas divididas por um estreito vale.

– Não seguiremos em frente – determinou o falso tio. – Vou mostrar-te algo maravilhoso; basta que recolhas alguns gravetos enquanto acendo uma fogueira.

Quando o fogo já estava ardendo, o mago atirou aí um pó que tinha consigo, ao mesmo tempo que proferia algumas palavras mágicas. A terra tremeu ligeiramente e abriu-se à frente deles, revelando uma pedra plana quadrada com um aro de bronze no meio que servia para erguê-la. Aladim tentou fugir, mas o mago pegou-o e aplicou-lhe um golpe que o derrubou.

– O que fiz, tio? – lamentou em tom miserável; como resposta, o mago disse mais gentilmente:

– Não temas nada, mas obedece-me. Sob esta pedra encontra-se um tesouro que deve ser teu, e ninguém mais pode tocá-lo. Por isso deves fazer exatamente o que mando.

Ao ouvir a palavra *tesouro*, Aladim esqueceu seus medos, e segurou o aro como lhe fora ordenado, enunciando o nome de seu pai e o de seu avô. A pedra soltou-se com bastante facilidade, e surgiram alguns degraus.

— Desce, ordenou o mago; ao pé desses degraus vais encontrar uma porta aberta que leva a três grandes salões. Arregaça tua roupa e passa por eles sem tocar nada, ou morrerás instantaneamente. Esses salões conduzem a um jardim de sofisticadas árvores frutíferas. Prossegue a caminhada até chegar a um nicho em um terraço onde está uma lâmpada acesa. Despeja o óleo que contém, e traze-a para mim.

Sacou um anel de seu dedo e o deu a Aladim, fazendo-lhe votos de prosperidade.

Aladim encontrou tudo como o mago havia descrito, colheu algumas frutas das árvores, e, tendo obtido a lâmpada, chegou à boca da caverna. O mago gritou com muita afobação:

— Apressa-te e dá-me a lâmpada.

Aladim recusou-se a fazê-lo até que estivesse fora da caverna. O mago enfureceu-se seriamente, e, jogando mais um pouco de pó em cima da fogueira, pronunciou algumas palavras, e a pedra rolou de volta para o lugar.

O mago foi-se embora da Pérsia para sempre, o que demonstrou claramente que não era tio de Aladim, mas sim um mago astuto, que havia lido em seus livros mágicos sobre uma lâmpada maravilhosa que faria dele o homem mais poderoso do mundo. Embora só ele soubesse onde encontrá-la, só poderia recebê-la das mãos de outro. Havia escolhido o tal Aladim para esse fim, com o intuito de obter a lâmpada e matá-lo em seguida.

Durante dois dias Aladim permaneceu no escuro, chorando e lamentando. Por fim, juntou as mãos em oração, e ao fazê-lo sua mão friccionou o anel, que o mago se tinha esquecido de tomar dele. Imediatamente, um gênio enorme e terrível ergueu-se das entranhas da terra, e interpelou-o:

— O que queres comigo? Sou o escravo do Anel, e te obedecerei para todas as coisas.

Aladim destemidamente respondeu:

– Livra-me deste lugar!

E logo depois a terra se abriu, e ele se viu do lado de fora. Assim que seus olhos conseguiram suportar a luz, voltou para casa, mas desmaiou na soleira da porta. Quando voltou a si, contou à sua mãe o que tinha sucedido, e mostrou-lhe a lâmpada e os frutos que havia colhido no jardim, os quais eram, na realidade, pedras preciosas. Ele, então, pediu um pouco de comida.

– Ai de mim, meu filho! – lamentou ela. – Não tenho nada em casa, mas fei um pouco de algodão e vou sair e vendê-lo.

Aladim ordenou-lhe que guardasse o algodão, pois, em vez disso, ele venderia a lâmpada. Como estivesse muito suja, ela começou a esfregá-la, de forma que pudesse ser negociada por preço mais alto. Imediatamente apareceu um gênio hediondo, e indagou-lhe o que queria. Ela desmaiou, mas Aladim, arrebatando a lâmpada, disse cheio de coragem:

– Traz-me algo para comer.

O gênio retornou com uma tigela de prata, doze pratos de prata repletos de saborosas carnes, duas taças de prata e duas garrafas de vinho. A mãe de Aladim, quando voltou a si, exclamou:

– De onde vem esse esplêndido banquete?

– Não pergunta, mas come – replicou Aladim.

Assim, sentaram-se no café da manhã até que chegasse a hora de jantar, e Aladim relatou à sua mãe sobre a lâmpada. Ela implorou-lhe que a vendesse, e que não tivesse nada a ver com demônios.

– Não – contra-argumentou Aladim –, uma vez que a oportunidade nos fez conscientes de suas virtudes, vamos usá-la, e também ao anel, que sempre trarei no dedo.

Quando acabaram de comer tudo que o gênio havia trazido, Aladim vendeu um dos pratos de prata, e assim

por diante, até que não restasse nenhum. Recorria logo ao gênio, que lhe dava outro conjunto de pratos, e assim viveram muitos anos.

Um dia Aladim ouviu que uma ordem do sultão proclamava que todos tinham de ficar em casa e fechar as persianas das janelas enquanto a princesa, sua filha, passasse de ida até o banho e de volta dele. Aladim foi tomado por um desejo de ver-lhe o rosto, façanha que era muito difícil, pois ela sempre usava um véu. Ele se escondeu atrás da porta do banho, e espiou através de uma fresta. A princesa levantou o véu quando entrou, e parecia tão bela, que Aladim se apaixonou por ela à primeira vista. Ele foi para casa tão mudado, que sua mãe ficou assustada. Contou-lhe que estava tão perdido de amores pela princesa, que não podia viver sem ela, e queria pedir-lhe em casamento a seu pai. Sua mãe, ao ouvir isso, pôs-se a rir, mas Aladim finalmente a convenceu a ir até ao sultão e apresentar-lhe seu pedido. Ela pegou um guardanapo e colocou nele os frutos mágicos do jardim encantado, que cintilavam e brilhavam como as mais belas joias. Ela os levou para agradar ao sultão, e partiu, confiando na lâmpada. O grão-vizir e os senhores do conselho tinham acabado de sair quando ela entrou no salão e se postou na frente do sultão. No entanto, ele não tomou conhecimento de sua presença. Ela foi todos os dias durante uma semana, e ficava no mesmo lugar. No sexto dia, quando o conselho se dispersou, o sultão disse ao vizir:

– Vejo certa mulher na sala de audiências todos os dias, carregando algo em um guardanapo. Chama-a da próxima vez, para que eu possa descobrir o que ela quer.

No dia seguinte, a um sinal do vizir, ela aproximou-se do trono e manteve-se ajoelhada até o sultão ordenar-lhe:

– Levanta-te, boa mulher, e dize-me o que queres.

Como ela hesitou, o sultão mandou que todos saíssem, exceto o vizir, e ordenou-lhe que falasse francamente, prometendo perdoar-lhe de antemão por qualquer coisa que

pudesse dizer. Ela, então, relatou-lhe o intenso amor de seu filho pela princesa.

– Rezei para que ele a esquecesse – confessou ela –, mas em vão; ameaçou cometer algum ato desesperado se me recusasse a vir a Vossa Majestade e pedir-lhe a mão da princesa. Agora vos peço que me perdoe não só a mim, mas também a meu filho, Aladim.

O sultão perguntou-lhe com palavras gentis o que ela tinha no guardanapo, e ela prontamente desdobrou as joias e as apresentou. Ele ficou estupefato, e voltando-se para o vizir exclamou:

– Que dizes tu? Não deveria eu conceder a princesa a alguém que a valoriza a esse preço?

O vizir, que a queria para seu próprio filho, implorou ao sultão que a detivesse por três meses, e nesse ínterim esperava que seu filho providenciasse um presente mais valioso para oferecer-lhe. O sultão aquiesceu ao pedido, e determinou à mãe de Aladim que, embora concordasse com o casamento, ela não deveria vir à sua presença novamente antes de três meses.

Aladim esperou pacientemente durante quase três meses, mas, depois do decurso de dois, sua mãe, que fora à cidade comprar óleo, encontrou todos em regozijo, e quis saber o que estava acontecendo.

– Não sabes – foi a resposta – que o filho do grão-vizir vai casar-se com a filha do sultão hoje à noite?

Ofegante, ela correu e contou-o a Aladim, que a princípio ficou assolado, mas logo se lembrou da lâmpada. Ele a esfregou, e o gênio apareceu indagando:

– Qual é teu desejo?

Aladim explicou-o:

– O sultão, como sabes, quebrou a promessa que me fizera, e o filho do vizir deverá esposar a princesa. Minha ordem é que esta noite tragas para cá a noiva e o noivo.

– Mestre, eu obedeco – replicou o gênio.

Aladim logo se recolheu a seus aposentos, para onde, exatamente à meia-noite, o gênio transportou a cama com o filho do vizir e a princesa.

– Leva esse homem recém-casado – determinou – e deixa-o no frio lá fora, e retorna ao amanhecer.

Diante disso, o gênio arrancou da cama o filho do vizir, deixando Aladim com a princesa.

– Não temas nada – explicou-lhe Aladim –; és minha mulher, prometida a mim por teu pai injusto, e nenhum dano te advirá.

A princesa estava assustada demais para falar, e passou a noite mais miserável de sua vida, enquanto Aladim se deitou a seu lado e dormiu profundamente. Na hora determinada, o gênio foi buscar o trêmulo noivo, colocou-o em seu lugar, e transportou a cama de volta ao palácio.

Depois disso, o sultão chegou para dizer bom-dia à filha. O desafortunado filho do vizir levantou-se e escondeu-se, enquanto a princesa não pronunciava palavra, e estava muito pesarosa. O sultão enviou-lhe a mãe, que indagou-lhe:

– Como é possível, minha filha, que não fales com teu pai? O que aconteceu?

A princesa deu um suspiro profundo, e, por fim, relatou à mãe que durante a noite a cama tinha sido transportada a alguma casa desconhecida, e o que lhe tinha sucedido. Sua mãe não acreditou em nenhuma palavra do que dissera, mas implorou que se levantasse e considerasse a história um sonho à toa.

Na segunda noite a mesma coisa aconteceu, e na manhã seguinte, diante da recusa da princesa de relatar o sucedido, o sultão ameaçou decapitá-la. Ela então confessou tudo, implorando-lhe que perguntasse ao filho do vizir se não eram esses os fatos. O sultão determinou ao vizir

que interrogasse o filho, que sabia a verdade e acrescentou que, amando a princesa como amava, preferiria morrer a passar outra noite pavorosa como essa, e queria separar-se dela. Seu desejo foi atendido, e pôs-se um fim à festividade e ao regozijo.

Quando se completaram os três meses, Aladim enviou a mãe para lembrar ao sultão sua promessa. Ela postou-se no mesmo lugar de antes, e o sultão, que havia esquecido Aladim, lembrou-se dele imediatamente, e mandou buscá-la. Ao notar a pobreza da mulher, o sultão sentiu-se menos propenso do que nunca a manter a sua palavra, e pediu o parecer do vizir, que o aconselhou a pedir um valor tão alto pela princesa que nenhum homem da terra pudesse alcançá-lo. O sultão, em seguida, voltou-se para a mãe de Aladim, declarando:

– Boa mulher, um sultão deve honrar suas promessas, e cumprirei a minha, mas teu filho deve primeiro enviar-me quarenta bacias de ouro cheias de joias até as bordas, carregadas por quarenta escravos negros, conduzidos por igual número de escravos brancos, vestidos com trajes esplêndidos. Dize-lhe que aguardo sua resposta.

A mãe de Aladim curvou-se até ao chão e foi para casa, pensando que tudo estava perdido. Transmitiu a mensagem a Aladim, acrescentando:

– Pode ser que ele fique esperando muito tempo sua resposta!

– Não tanto tempo quanto imaginas, mãe – replicou-lhe o filho. – Eu faria muito mais do que isso pela princesa.

Invocou o gênio, e dentro de alguns momentos chegaram os oitenta escravos, e tomaram todo o espaço da pequena casa e jardim. Aladim os fez partir para o palácio, dois a dois, seguidos por sua mãe. Estavam tão ricamente vestidos, com joias tão esplêndidas nos cinturões, que todos se apinhavam em multidões para vê-los e às bacias de ouro que carregavam na cabeça. Entraram no palácio, e, após

ajoelhar-se diante do Sultão, perfilaram-se em semicírculo ao redor do trono, de braços cruzados, enquanto a mãe de Aladim os apresentava ao sultão. Em vez de hesitar, o sultão afirmou:

– Boa mulher, retorna e dize a teu filho que eu o aguardo de braços abertos.

Ela não perdeu tempo para dar a notícia a Aladim, ordenando-lhe que se apressasse. Mas Aladim primeiro chamou o gênio.

– Quero um banho perfumado - exigiu -, trajes ricamente bordados, um cavalo que sobrepuje o do sultão, e vinte escravos para servir-me. Além disso, seis escravos, com belas vestes, para atender à minha mãe. E, por último, dez mil peças de ouro em dez bolsas.

Dito e feito. Aladim montou em seu cavalo e cavalgou pelas ruas, e os escravos atiravam ouro à medida que seguiam. Aqueles que tinham brincado com ele na infância não o reconheciam, ele tinha ficado tão bonito... Quando o sultão o viu, desceu de seu trono, abraçou-o e levou-o a uma sala onde fora organizada uma festa, com o propósito de realizar naquele mesmo dia o casamento dele com a princesa. Porém, Aladim declinou, afirmando:

– Tenho de construir um palácio digno para ela - e despediu-se.

Assim que chegou a casa, ordenou ao gênio:

– Constrói-me um palácio do melhor mármore, com ornamentos em jaspes, ágatas e outras pedras preciosas. No centro, construirás um grande salão com uma cúpula, e as quatro paredes serão de ouro maciço e de prata, cada uma delas com seis janelas, cujas treliças todas serão ornadas com diamantes e rubis, exceto uma, que deverá ficar inacabada. Deverá haver estábulos e cavalos e cavaleiros e escravos; vai e providencia isso!

O palácio estava concluído no dia seguinte, e o gênio levou-o lá e apresentou-lhe todas as suas ordens fielmente

executadas, até quanto à colocação de um tapete de veludo que ia do palácio de Aladim até ao palácio do Sultão. A mãe de Aladim, em seguida, vestiu-se com esmero, e caminhou até ao palácio com seus escravos, enquanto ele a seguia a cavalo. O sultão enviou músicos com trombetas e címbalos para encontrá-los, de modo que música e aplausos retumbavam no ar. Ela foi levada até à princesa, que a saudou e tratou com grande honra. À noite, a princesa despediu-se do pai, e partiu no tapete para o palácio de Aladim, ladeada pela mãe dele, e seguida pelos cem escravos. Ela ficou encantada com a visão de Aladim, que correu para recebê-la.

– Princesa - explicou-lhe -, culpa tua beleza por minha ousadia se eu te tiver desagradado.

Ela confessou-lhe que, depois de tê-lo visto, obedeceu a seu pai de bom grado nessa questão. Depois que o casamento tinha ocorrido, Aladim levou-a até ao salão, onde acontecia uma festa, e, após o jantar com ele, dançaram até a meia-noite. No dia seguinte, Aladim convidou o sultão para ver o palácio. Ao entrar no salão com as vinte e quatro janelas, decoradas com rubis, diamantes e esmeraldas, exclamou:

– É uma das maravilhas do mundo! Há apenas uma coisa que me intriga. Foi por acaso que uma janela à esquerda ficou inacabada?

– Não, senhor, faz parte do projeto - replicou Aladim. - Foi meu desejo que Vossa Majestade tivesse a glória de terminar este palácio.

O sultão ficou satisfeito, e mandou buscar os melhores joalheiros da cidade. Mostrou-lhes a janela inacabada, e ordenou-lhes que a adornassem como as outras.

– Senhor - explicou o porta-voz -, não conseguiremos encontrar número suficiente de joias.

O sultão mandou buscar suas próprias joias, que foram logo empregadas, porém isso não resolveu a questão, pois

daí a um mês nem metade do trabalho se completara. Aladim, sabendo que a tarefa deles era vã, ordenou-lhes que desfizessem o trabalho e levassem as joias de volta, e, a seu comando, o gênio terminou a janela. O sultão surpreendeu-se ao receber suas joias de volta, e visitou Aladim, que lhe mostrou a janela terminada. O sultão abraçou-o, enquanto o vizir, invejoso, insinuava que era trabalho de bruxaria.

Aladim conquistara o coração das pessoas com seus modos gentis. Foi nomeado capitão dos exércitos do sultão, e venceu várias batalhas por ele, mas manteve-se modesto e cortês como antes, e assim viveu em paz e contente durante vários anos.

No entanto, longe na África, o mago lembrava-se de Aladim, e, por meio de suas artes mágicas, descobriu que, em vez de perecer miseravelmente na caverna, ele havia escapado e esposara uma princesa, com quem vivia com grandes honras e riquezas. Sabia que o filho do pobre alfaiate só poderia ter logrado esses feitos por meio da lâmpada, e viajou noite e dia até chegar à capital da China, empenhado em arruinar Aladim. Ao passar pela cidade, ouviu pessoas falarem em todos os lugares de um palácio maravilhoso.

– Perdoem-me a ignorância – indagou ele –, que palácio é esse de que falais?

– Não ouviste falar do palácio do príncipe Aladim – foi a resposta –, a maior maravilha do mundo? Vou dizer-te onde fica, se tens intenção de vê-lo.

O mago agradeceu àquele que lhe falava, e, tendo visto o palácio, soube que tinha sido erguido pelo Gênio da Lâmpada, e ficou meio transtornado de raiva. Decidiu que ia apossar-se da lâmpada, e mergulhar Aladim mais uma vez na mais profunda pobreza.

Por infelicidade, Aladim havia partido para uma caçada de oito dias, o que deu tempo de sobra ao mago. Comprou uma dúzia de lâmpadas de cobre, colocou-as em

uma cesta, e foi para o palácio, gritando: “Trocamos lâmpadas velhas por novas!”, seguido por uma multidão em apupos. A princesa, sentada no salão de duas dúzias de janelas, enviou uma escrava para descobrir o motivo da algazarra, e ela retornou rindo, de modo que a princesa a repreendeu.

– Senhora – respondeu a escrava –, quem pode deixar de rir ao ver um velho tolo oferecendo-se para trocar lâmpadas antigas por boas lâmpadas novas?

Outra escrava, ao ouvir isso, comentou:

– Há uma lâmpada velha lá na cornija que ele pode querer.

Bem, essa era a lâmpada mágica que Aladim tinha deixado lá, uma vez que não poderia levá-la para a caçada consigo. A princesa, sem saber seu valor, rindo, ordenou à escrava que a levasse e fizesse a troca. Ela foi e disse ao mago:

– Dá-me uma lâmpada nova em troca desta.

Ele a pegou e mandou a escrava escolher a lâmpada que quisesse, em meio às vaias da multidão. Pouco lhe importava, mas partiu, sem lamentar suas lâmpadas, e saiu dos portões da cidade até um lugar deserto, onde permaneceu até ao anoitecer, quando sacou a lâmpada e a esfregou. O gênio apareceu, e ao comando do mago o transportou, juntamente com o palácio e a princesa nele, para um lugar deserto na África.

Na manhã seguinte, o sultão foi à janela e olhou para o palácio de Aladim e esfregou os olhos, pois tinha sumido. Mandou buscar o vizir e perguntou o que tinha havido com o palácio. O vizir olhou pela janela também, e ficou tonto de assombro. Mais uma vez o atribuiu a alguma magia, e desta vez o sultão acreditou nele, e enviou trinta homens a cavalo para trazer Aladim a ferros. Eles encontraram-no cavalgando para casa, amarraram-no e obrigaram-no a ir com eles a pé. No entanto, as pessoas que o

amavam seguiam-no, armadas, para assegurar-se de que não sofreria nenhum mal. Foi levado à presença do sultão, que ordenou ao carrasco que o decapitasse. O carrasco forçou Aladim a ajoelhar-se, vendou-lhe os olhos e ergueu a cimitarra para golpeá-lo. Naquele instante o vizir, que viu que a multidão forçara entrada até ao pátio e estava escaldando os muros para resgatar Aladim, gritou ao carrasco que suspendesse a execução. Na verdade, o povo parecia tão ameaçador, que o sultão cedeu e ordenou que Aladim fosse desamarrado e lhe perdoou diante da multidão. Aladim agora implorava que lhe dissessem o que tinha feito.

– Falso desgraçado! – praguejou o sultão – vem até aqui – e mostrou-lhe pela janela o lugar onde o palácio deveria estar.

Aladim ficou tão estupefato, que não conseguia balbuciar palavra.

– Onde está meu palácio, onde está minha filha? – inquiriu o sultão. – Pelo primeiro, não tenho profunda preocupação, mas tenho de reaver minha filha, e tu a encontrarás ou perderás a cabeça.

Aladim implorou que lhe fossem concedidos quarenta dias para encontrá-la, jurando que se fracassasse voltaria e se entregaria à morte de acordo com o desejo do sultão. Sua súplica foi atendida, e saiu tomado de tristeza da presença do sultão. Durante três dias perambulou como louco, perguntando a todos o que havia acontecido com seu palácio, mas só riam e tinham piedade dele. Chegou às margens de um rio, e ajoelhou-se para fazer suas orações antes de atirar-se às águas. Ao fazê-lo, esfregou o anel mágico que ainda usava. O gênio que tinha visto na caverna apareceu, e perguntou qual era o seu desejo.

– Salvar minha vida, gênio – replicou Aladim –, trazer de volta meu palácio.

– Isso não está em meu poder – rebateu o gênio. – Sou

apenas o Escravo do Anel, deves procurar sabê-lo com o Escravo da Lâmpada.

— Mesmo assim – contrapôs Aladim –, podes levar-me até ao palácio, e pôr-me sob a janela de minha querida esposa.

De imediato viu-se na África, sob a janela da princesa, e adormeceu de pura exaustão.

Foi despertado pelo canto dos pássaros, e seu coração estava mais leve. Viu claramente que todos os seus infortúnios advinham da perda da lâmpada, e em vão se perguntou quem o havia roubado.

Naquela manhã, a princesa levantou-se mais cedo do que o fazia desde que tinha sido transportada para a África pelo mago, cuja companhia era forçada a suportar uma vez por dia. Entretanto, ela o tratava com tanta aspereza, que ele de modo algum se atrevia a viver lá. Enquanto ela se vestia, uma de suas aias olhou para fora e viu Aladim. A princesa correu e abriu a janela e, pelo ruído que fez, Aladim olhou para cima. Ela gritou para que ele chegasse até ela, e foi grande a alegria desses apaixonados ao se verem novamente. Depois de tê-la beijado, Aladim disse:

— Imploro-te, princesa, em nome de Deus, antes de falarmos de qualquer outra coisa, para teu próprio bem e por mim, dize-me o que foi feito de uma lâmpada velha que deixei na cornija do salão de duas dúzias de janelas, quando fui à caça.

— Ai de mim! – choramingou. – Sou a causa inocente de nossas dores – e contou-lhe sobre a troca da lâmpada.

— Agora sei – exclamou Aladim – que temos de agradecer isso ao mago africano! Onde está a lâmpada?

— Ele a carrega consigo – replicou a princesa. – Sei disso porque ele a sacou do peito para mostrá-la a mim. Ele quer que eu quebre minha confiança em ti e me case com ele, afirmando que tu foras decapitado por ordem de meu pai. Está sempre falando mal de ti, mas só respondo com

minhas lágrimas. Se eu persistir, não duvido que venha a usar de violência.

Aladim a confortou e a deixou por um tempo. Trocou de roupa com a primeira pessoa que encontrou na cidade, e, tendo comprado certo pó, retornou à princesa, que o deixou entrar por uma portinhola lateral.

– Usa teu vestido mais bonito – recomendou-lhe – e recebe o mago com sorrisos, levando-o a acreditar que me esqueceste. Convida-o a jantar contigo, e dize que queres provar o vinho de seu país. Ele vai sair para buscar a bebida, e, enquanto estiver fora, dir-te-ei o que fazer.

Ela ouviu a Aladim com atenção e, quando ele saiu, vestiu trajes alegres pela primeira vez desde que deixara a China. Trajou um cinto e um turbante de diamantes, e, vendo em um espelho que estava mais bonita que nunca, recebeu o mago, dizendo, para seu grande espanto:

– Convenci-me de que Aladim está morto, e de que nem todas as minhas lágrimas o trarão de volta para mim, e por isso estou decidida a não mais lamentar, e, portanto, convidei-te para jantar comigo, mas estou cansada dos vinhos da China, e de bom grado saborearia os da África.

O mago disparou para a adega, e a princesa despejou o pó que Aladim lhe tinha dado em sua própria taça. Quando ele retornou, ela pediu-lhe que bebesse o vinho da África à sua saúde, entregando-lhe a própria taça em troca da taça dele, como sinal de reconciliação entre eles. Antes de beber, o mago fez um discurso em louvor de sua beleza, mas a princesa o interrompeu, dizendo:

– Vamos beber em primeiro lugar, e tu me dirás o que quiseses depois.

Ela levou a taça aos lábios e a manteve assim, enquanto o mago tragou da sua até a última gota e caiu sem vida. A princesa, em seguida, abriu a porta para Aladim, e atirou-lhe os braços em volta do pescoço; mas Aladim a repeliu, ordenando-lhe que o deixasse porque tinha mais coisas

a fazer. Encaminhou-se em seguida até ao mago morto, sacou-lhe a lâmpada do colete e determinou ao gênio que levasse o palácio e tudo dentro dele de volta para a China. Isto foi feito, e a princesa em sua câmara só sentiu dois pequenos choques, e quase sem pensar estava em casa novamente.

O sultão, que estava sentado em seu gabinete, de luto pela filha perdida, incidentalmente levantou os olhos, e os esfregou, pois lá estava o palácio, como antes! Apressou-se até lá, e Aladim o recebeu no salão de duas dúzias de janelas, com a princesa a seu lado. Aladim contou-lhe o que havia ocorrido, e mostrou-lhe o cadáver do mago para que ele pudesse crer. Foi proclamada uma festa de dez dias, e parecia que Aladim poderia agora viver o resto da vida em paz; mas não era para ser assim.

O mago africano tinha um irmão mais novo, que era talvez ainda mais perverso e mais esperto do que ele. Viajou à China para vingar a morte do irmão, e fez uma visita a uma piedosa mulher chamada Fátima, acreditando que ela poderia ser-lhe útil. Entrou em sua cela e, com estrépito, encostou-lhe um punhal no peito, ordenando-lhe que se levantasse e cumprisse sua determinação sob pena de morte. Trocou de roupa com ela, pintou o rosto como o dela, pôs seu véu, e a assassinou para que não contasse nenhuma história. Depois disso, seguiu para o palácio de Aladim, e todo o povo, pensando que ele fosse a santa mulher, reuniu-se em torno dele, beijando-lhe as mãos e pedindo-lhe a bênção. Quando chegou ao palácio, o alarido em torno dele era tão intenso, que a princesa mandou sua escrava olhar pela janela e perguntar o que estava acontecendo lá fora. A escrava contou-lhe que era a santa mulher, curando gente por meio de toque em suas enfermidades, e ao ouvir isso a princesa, que havia muito desejava ver Fátima, mandou buscá-la. Ao chegar à princesa, o mago dedicou-lhe uma oração por sua saúde e prosperidade. Quando terminou, a princesa o fez sentar-se a seu lado, e pediu-lhe

que ficasse sempre com ela. A falsa Fátima, que não queria nada melhor que isso, consentiu, mas manteve abaixado o véu com medo de ser descoberta. A princesa mostrou-lhe o salão, e perguntou-lhe o que pensava dele.

– É realmente lindo – elogiou a falsa Fátima. – Em minha opinião, falta-lhe apenas uma coisa.

– E que coisa é essa? – indagou a princesa.

– Bastaria que um ovo do pássaro-roca – respondeu ele – fosse pendurado no meio desta abóboda, seria a maravilha do mundo.

Depois disso, a princesa não conseguia pensar em mais nada que não fosse o ovo do pássaro-roca, e quando Aladim retornou da caçada encontrou-a com humor muito destemperado. Implorou que lhe dissesse o que estava errado, e ela declarou-lhe que todo o seu prazer no salão fora estragado pela ausência de um ovo de pássaro-roca pendurado na abóboda.

– Se não passa disso – respondeu Aladim –, logo estarás feliz.

Afastou-se dela e esfregou a lâmpada, e quando o gênio apareceu ordenou-lhe que trouxesse um ovo do pássaro-roca. O gênio deu um grito tão alto e terrível, que a sala tremeu.

– Patife! – gritou ele. – Não é suficiente que eu tenha feito tudo o que fiz por ti, senão que tens de ordenar-me que traga meu mestre e o pendure no meio desta abóboda? Tu e tua esposa e teu palácio merecem ser queimados até às cinzas, mas este pedido não é vosso, e sim do irmão do mago africano, a quem destruíste. Ele agora está em teu palácio disfarçado como a santa mulher – a quem assassinou. Foi ele quem meteu esse desejo na cabeça de tua esposa. Cuida de ti mesmo, pois a intenção dele é matar-te. – Proferindo estas palavras, o gênio desapareceu.

Aladim foi de volta à princesa, queixando-se de que estava com dor de cabeça, e solicitou que a santa Fátima

fosse trazida para curá-lo com a imposição de mãos. Mas, quando o mago se aproximou, Aladim, agarrando a adaga, perfurou-lhe o coração.

– O que fizeste? – exclamou a princesa. – Mataste a santa mulher!

– Nada disso – retorquiu Aladim –, matei um mago perverso – e contou-lhe como havia sido enganada.

Depois disso, Aladim e sua esposa viveram em paz. Ele sucedeu ao sultão quando este morreu, e reinou por muitos anos, deixando atrás de si uma longa linhagem de reis.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Azul**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

O ANEL MÁGICO

Da tradição Indiana

Era uma vez um casal de idosos que tinha um filho chamado Martim. Quando chegou a hora do esposo, ele esticou-se na cama e morreu. Embora por toda a vida tivesse trabalhado e suado a camisa, deixou para a esposa e o filho apenas duzentos florins. A velha decidiu guardar o dinheiro para os tempos de vacas magras; mas as vacas magras já se anunciavam, pois a despensa encontrava-se vazia, e quem pode estar pronto para encarar a fome com duzentos florins à mão? Assim, a senhora tirou cem dos seus florins e, entregando-os a Martim, enviou-o à cidade para que providenciasse alimento suficiente para um ano.

Martim então dirigiu-se à cidade. Chegando ao mercado de carnes, encontrou o lugar tumultuoso; havia muito barulho de vozes iradas e de latidos dos cães. Misturando-se à multidão, ele notou um cão de caça, o qual os açougueiros haviam capturado e prendido num poste, e que estava sendo açoitado de maneira impiedosa. Cheio de compaixão, Martim falou aos açougueiros:

– Amigos, por que bateis no pobre cão com tanta crueldade?

– Temos todo o direito de bater nele – responderam –; ele acabou de devorar um porco recém-abatido.

– Deixai o cão em paz – disse Martim – e vendei-o para mim.

Responderam os açougueiros, em tom de zombaria:

– Se queres comprá-lo, o valor por este tesouro é cem florins e nem um tostão a menos.

– Cem florins! – exclamou Martim. – Bem, que assim seja, se não aceitais menos...

E, tirando o dinheiro do bolso, entregou-o em troca do cão, cujo nome era Schurka.

Ao chegar em casa, a mãe perguntou-lhe:

– E então, o que compraste?

– Schurka, o cão – disse Martim, apontando para a sua nova posse.

Sua mãe ficou furiosa e ralhou com ele severamente. Segunda ela, ele devia sentir vergonha, pois mal tendo o que comer em casa, gastara o dinheiro com um bicho inútil como aquele. No dia seguinte, ela mandou-o de volta à cidade, dizendo:

– Aqui, toma os nossos últimos cem florins e usa-os para comprar provisões. Eu recém esvaziei a vasilha de aveia e fiz pão, mas ele acabará até amanhã.

Assim que Martim entrou na cidade, encontrou com um camponês de semblante rude, que carregava consigo um gato preso a uma corda pelo pescocinho.

– Para! – bradou Martim. – Aonde estás a arrastar o pobre gato?

– Eu ia afogá-lo – foi a resposta.

– Que mal te fez o pobre animal?

– Acabou de matar um ganso.

– Não o afogues; vende-o para mim – implorou Martim.

– Nem por cem florins.

– Por cem florins, tens certeza que não vendes? – disse Martim. – Olha: aqui está o dinheiro!

E, dizendo isso, entregou os cem florins ao camponês, que guardou-os no bolso, e Martim apossou-se do gato, cujo nome era Waska.

Quando chegou em casa, sua mãe logo o recebeu com uma pergunta:

– E então, o que trouxeste?

– Trouxe este gato, chamado Waska - respondeu Martim.

– E o que mais?

– Não tinha dinheiro para mais nada - respondeu o filho.

– Seu palerma inútil! - exclamou a mãe, num acesso de fúria. - Sai já desta casa e vai implorar por teu pão aos estranhos!

Como não ousava contrariá-la, Martim chamou Schurka e Waska e, com eles, pôs-se a procurar trabalho no vilarejo mais próximo. No caminho, encontrou um camponês rico, que perguntou-lhe aonde estava indo.

– Preciso conseguir um trabalho diurno - respondeu ele.

– Vem comigo, então. Mas, desde já, preciso avisar que dou serviço sem salário. Se me servires fielmente por um ano, prometo que então serás recompensado.

Martim consentiu e, por um ano, trabalhou com diligência e serviu a seu mestre com fidelidade, sem fazer corpo mole em momento algum. Quando era chegado o dia da retribuição, o camponês o levou a um celeiro e, indicando dois sacos cheios, disse:

– Escolhe qualquer um deles, e será teu.

Martim examinou o conteúdo dos sacos e, vendo que um estava cheio de prata e o outro, cheio de areia, disse consigo mesmo: “Deve ser algum tipo de pegadinha; melhor eu pegar a areia”.

Jogando o saco por sobre os ombros, pôs o pé no mundo e começou a procurar um novo trabalho. Andou e andou, até que, por fim, chegou a uma vasta e sombria floresta. No meio dela, deparou com um campo onde havia

uma fogueira acesa e, no meio do fogo, cercada por chamas, uma adorável donzela, mais bela do que tudo o que Martim já vira na vida. Tendo-o avistado, chamou-lhe ela:

– Martim, se queres ser feliz, salva a minha vida. Apaga as chamas com a areia que ganhaste em troca dos serviços fielmente prestados.

“De fato”, pensou Martim consigo mesmo, “seria mais sensato salvar a vida de outro ser humano com esta areia do que carregá-la nas costas por aí, conhecendo o seu peso”. E baixou o saco das costas e esvaziou-o sobre as chamas, de modo que o fogo logo foi imediatamente extinto; no mesmo instante, porém, eis que a adorável donzela tornou-se uma serpente e, lançando-se nele, enrolou-se em seu pescoço e sussurrou de modo amável em seu ouvido:

– Não tenhas medo de mim, Martim; eu te amo e te farei companhia pelo mundo. Mas primeiro precisas ter a coragem de vir comigo ao reino de meu pai, que fica sob a terra; quando chegarmos lá, lembra-te: ele te oferecerá ouro e prata e pedras brilhantes, mas não toques em nada. Em vez disso pede-lhe pelo anel que ele usa no dedo mindinho, pois aquele anel encerra um poder mágico; tu só precisas jogá-lo de uma mão a outra e, no mesmo instante, aparecerão doze jovens, os quais realizarão os teus pedidos numa única noite, não importa quão difíceis sejam.

Tomaram, então, o seu caminho e, depois de muito vagarem, chegaram a um lugar onde erguia-se uma grande pedra no meio da estrada. A serpente instantaneamente desenrolou-se de seu pescoço e, assim que tocou a terra úmida, voltou à figura de uma adorável donzela. Apondo para a rocha, mostrou a ele uma abertura larga o suficiente para permitir que um homem a atravessasse. Cruzando-a, entraram numa longa passagem subterrânea, a qual levou-os a um campo aberto, o céu azul abrindo-se sobre suas cabeças. No meio do campo, havia um castelo magnífico, feito de porfírio, com telhado de ouro e batentes

brilhantes. A sua bela guia contou-lhe que era este o palácio onde morava o seu pai e de onde ele reinava sobre o mundo subterrâneo.

Entraram juntos no palácio e foram recebidos pelo rei com grande cordialidade. Voltando-se à filha, disse ele:

– Minha filha, já tinha quase perdido as esperanças de ver-te novamente. Onde estiveste por todos estes anos?

– Meu pai – disse ela –, devo a minha vida a este rapaz, que salvou-me de uma morte terrível.

Ouvindo isso, o rei voltou-se a Martim com um sorriso gracioso e disse:

– Hei de recompensar-te por tua coragem, e te darei o que o teu coração assim desejar. Toma o quanto quiser do ouro, da prata e das pedras preciosas.

– Obrigado, poderoso rei, por vossa generosa oferta – respondeu Martim –, mas não cobiço ouro, nem prata, nem pedras preciosas; porém, se quiserdes me fazer um favor, imploro que me deis o anel que usais no dedo mindinho da vossa mão real. Toda vez que meus olhos o virem, pensarei em Vossa graciosa Majestade e, quando casar-me, presentearé minha noiva com ele.

O rei tirou o anel do dedo e deu-o a Martim, dizendo:

– Toma-o, bom rapaz; mas o entrego a ti com uma condição: jamais dirás a ninguém que este é um anel mágico. Se o fizeres, logo traráis infortúnios sobre ti mesmo.

Martim pegou o anel e, agradecendo ao rei, tomou a mesma estrada pela qual viera ao mundo subterrâneo. Retornando ao ar livre, tomou o caminho do seu antigo lar e, vendo que a mãe ainda morava na mesma casa em que a deixara, tornaram a viver juntos com grande felicidade. A vida deles era tão pacata que parecia que tudo sempre seria assim, sem obstáculo ou impedimento. Certo dia, porém, ocorreu a Martim que ele gostaria de casar-se; não apenas isso, mas que também gostaria de escolher uma esposa

majestosa – a filha de um rei, em suma. Mas como não confiava em si mesmo para o cortejo, decidiu enviar a sua mãe na missão.

– A senhora precisa ir ao rei – disse ele – e pedir a mão da adorável filha dele em casamento para mim.

– No que estás a pensar, meu filho? – perguntou a senhora, espantada com a ideia. – Por que não casar com alguém do teu nível? Seria muito mais adequado do que mandar uma mulher pobre como eu fazer a corte no palácio do rei em troca da mão de uma princesa. Minha Nossa, o preço disso serão as nossas cabeças. Nem a minha vida, nem a tua valerão nada se eu me meter nessa tola empreitada.

– Não tenhas medo, mãezinha – respondeu Martim. – Confia em mim: tudo ficará bem. Mas assegura-te de não voltares para casa sem uma resposta.

Então, obediente às solicitações do filho, a senhora mancou até o palácio e, sem ser impedida, chegou ao jardim da corte e pôs-se a subir os lances de escada que levavam à câmara real. No topo, encontravam-se reunidos inúmeros cortesãos trajados em magníficas indumentárias. Ao avistarem a figura esquisita daquela velha, passaram a chamar sua atenção e explicar-lhe, com todo tipo de gesticulação, que era estritamente proibido subir aqueles degraus. Mas as suas firmes palavras e gestos proibitivos não surtiram qualquer efeito na mulher, a qual, determinada, continuava a subir os degraus, inclinada a cumprir as ordens do filho. Vendo isso, alguns cortesãos pegaram-na pelos braços e detiveram-na por meio da força física, o que a levou a produzir tamanha gritaria que o próprio rei ouviu sua voz e foi até a balaustrada ver o que estava acontecendo. Quando deu de cara com a figura da velha balançando os braços como uma louca e a gritar que não deixaria o palácio sem antes falar com o rei, o monarca mandou que ela fosse trazida à sua presença. De imediato,

a mulher foi conduzida até a câmara dourada real, onde, recostando-se sobre almofadas púrpuras, sentava-se o rei, cercado por seus conselheiros e cortesãos. Dispensando-lhes cumprimentos solenes, a senhora silenciou-se diante do rei, que lhe perguntou:

– Bem, minha boa senhora, o que posso fazer por ti?

– Aqui estou – respondeu a mãe de Martim –, e espero que Vossa Majestade não se irrite comigo, mas aqui estou para um cortejo.

– Esta mulher está fora de si? – disse o rei, franzindo a testa, irritado.

A mãe de Martim, porém, respondeu com ousadia:

– Se o rei puder me ouvir com paciência e dar-me uma resposta direta, verá que não estou louca. Ó Rei, Vossa Majestade possui a mão de uma bela filha para conceder em casamento. Eu tenho um filho, um cortejador, um jovem muito sagaz, e o melhor genro que Vossa Majestade encontrará em todo o reino. Não há nada que ele não possa fazer. Ó Rei, diga-me sem meias palavras e direto ao ponto: cederá Vossa Majestade a sua filha em matrimônio com o meu filho?

O rei ouviu o estranho pedido da mulher até o fim, mas a cada instante a sua expressão tornava-se mais sombria e a sua feição mais fechada – até que, afinal, pensou consigo mesmo: “De que vale eu, o rei, ficar bravo com esta pobre coitada?”. E todos os cortesãos e conselheiros ficaram abismados ao perceberem que as rugas ao redor da sua boca e o cenho franzido foram desarmando-se, ao ouvirem o tom ameno, ainda que jocoso, nas palavras que dirigiu à velha em resposta, dizendo:

– Se teu filho é tão maravilhosamente sagaz como dizes, e se não há nada no mundo que ele não possa fazer, ele deverá construir um castelo magnífico de frente para as janelas do meu palácio em vinte e quatro horas. Os palácios deverão ser ligados por uma ponte de cristal puro. De cada

lado da ponte, deverá haver árvores crescentes, carregadas de maçãs de ouro e de prata, e em seus galhos abrigando as aves do Paraíso. À direita da ponte deverá haver uma igreja, com cinco cúpulas douradas; teu filho deverá casar-se com a minha filha nesta igreja, ao passo que as festividades do casamento terão lugar no novo castelo. Contudo, se ele fracassar na execução destas ordens reais, então, sendo eu um monarca justo, porém manso, minhas ordens serão de que tu e o teu filho sejam presos, imersos em piche, depois em penas, para então serem executados no mercado público para o entretenimento dos meus cortesãos.

Os lábios do rei esboçaram um sorriso enquanto ele concluía a sua fala, e os cortesãos e conselheiros caíram na gargalhada ao pensarem na loucura daquela senhora, e teceram loas ao astuto plano do rei, comentando uns com os outros:

– Que piada será ver o par todo coberto de piche e de penas! É mais fácil o filho fazer crescer uma barba na mão do que conseguir completar tamanha empreitada em apenas vinte e quatro horas.

Agora a pobre senhora sentia um temor mortal e, numa voz trêmula, perguntou:

– É esta mesmo a vossa vontade, ó Rei? Devo levar essas ordens a meu pobre filho?

– Sim, minha senhora; são essas as minhas ordens. Se o teu filho cumpri-las, será recompensado com a minha filha; caso contrário, ireis ambos ao barril de piche e à estaca!

Voltando para casa, a pobre senhora chorou amargamente e, ao ver Martim, contou-lhe o que o rei havia declarado e lamentou:

– Não havia te dito, meu filho, que deverias casar-te com alguém do teu próprio nível? Teria sido melhor para nós. Como te dissera, minha ida à corte custou-nos a vida e agora nós dois seremos banhados em piche, cobertos

de penas e queimados no mercado público. É terrível! – e gemeu, e chorou.

– Não tenhas medo, mãezinha – respondeu Martim –, confia em mim e verás que tudo ficará bem. Dorme com a mente tranquila.

E, saindo da cabana, Martim jogou o seu anel de uma palma a outra, o que fez surgir num instante doze jovens, os quais perguntaram-lhe o que ele desejava que fizessem. Então revelou-lhes as ordens do rei, e eles responderam que tudo estaria pronto na manhã seguinte, exatamente conforme o que fora mandado.

No dia seguinte, o rei acordou e olhou pela janela e, para a sua estupefação, enxergou um castelo magnífico bem na frente do seu, e os dois ligados por uma ponte de cristal puro. Em ambos os lados da ponte cresciam árvores de cujos galhos pendiam maçãs douradas e prateadas, e entre as quais empoleiravam-se pássaros do Paraíso. À direita, brilhando ao sol, estavam as cinco cúpulas douradas de uma igreja esplêndida, cujos sinos tocavam como se chamassem pessoas dos quatro cantos do mundo para virem e contemplarem aquela maravilha. Ora, embora preferisse ver o seu futuro genro coberto de piche e de penas e sendo queimado num poste, o rei lembrou-se do juramento real que fizera e viu-se na necessidade de tirar o melhor daquela situação. Assim, juntou coragem e transformou Martim em Duque, deu à filha um rico dote e preparou o maior banquete de casamento jamais visto, tão suntuoso que até hoje os anciãos daquele país ainda comentam sobre a festa.

Depois do casamento, Martim e sua esposa real foram viver no magnífico palácio recém-construído; lá, Martim viveu num luxo e conforto que jamais teria imaginado. Porém, apesar de ele estar feliz como uma criança, a filha do rei via-se diariamente consumida pela ideia de quão indigno era ser obrigada a casar-se com Martim, o filho da

viúva pobre, em vez de tornar-se a esposa de um príncipe jovem e rico de outro país. Isso causava-lhe tamanha infelicidade que ela passava todo o tempo pensando em como deveria livrar-se de seu indesejável marido. Primeiro, decidiu descobrir o qual seria o segredo do seu poder e, por meio de lisonjas e palavras de afeto, tentou persuadi-lo a revelar-lhe como podia tão ser esperto a ponto de saber fazer de tudo. De início, ele não lhe contou nada; todavia, certa vez, quando Martim estava suscetível, a princesa o abordou com um sorriso conquistador estampado em seu rosto adorável e, dispensando-lhe elogios, deu-lhe para beber uma poção de gosto forte e adocicado. Ao bebê-la, os lábios de Martim abriram-se e ele contou à princesa que todo o seu poder vinha do anel mágico que usava no dedo, descrevendo-lhe como utilizá-lo; enquanto ainda falava, caiu em sono profundo. Ao perceber que a poção tinha funcionado e que ele dormia como uma pedra, a princesa tomou o anel mágico de sua mão e, indo até o jardim da corte, jogou-o de uma palma a outra.

No mesmo instante, doze jovens apareceram e perguntaram-lhe quais eram as suas ordens. Ela, então, disse-lhes que, até a manhã seguinte, deveriam livrar-se do castelo, da ponte e da igreja, e colocar em seu lugar a humilde cabana em que Martim costumava morar com a mãe; que, enquanto dormia, o seu marido deveria ser carregado ao seu antigo e modesto quarto; e que eles deveriam levá-la até o canto mais remoto da terra, onde vivia um velho rei, que lhe providenciaria uma grande recepção em seu palácio, cercanda-a da pompa adequada a uma princesa real.

— Vossas ordens serão cumpridas — responderam os doze jovens ao mesmo tempo.

E eis que, na manhã seguinte, quando o rei acordou e olhou pela janela, para o seu assombro, viu que o palácio, a ponte, a igreja e as árvores tinham sumido e que não havia nada mais em seu lugar, exceto uma reles e miserável cabana.

Imediatamente, o rei mandou convocar o genro e ordenou-lhe que explicasse o que havia acontecido. Martim, no entanto, olhou para o seu sogro real e não pôde dizer palavra alguma. O rei, então, ficou furioso e, reunindo o conselho, acusou Martim de praticar bruxaria, de ter ludibriado o rei e de ter sequestrado a princesa; assim, ele acabou condenado à prisão numa altíssima torre de pedra, desprovido de carne ou água, até que morresse de fome.

Então, na hora de maior necessidade, seus velhos amigos Schurka (o cão) e Waska (o gato) lembraram-se de como Martim os havia salvo da morte cruel, e conversaram sobre como poderiam ajudá-lo. Schurka soltou um rosnado, e era da opinião de que todos deveriam ser feitos em pedaços; mas Waska ronronou, meditativo, e coçou atrás da orelha com sua patinha de veludo, imerso em pensamentos. Após alguns minutos, o gato decidiu-se e, voltando-se para Schurka, disse:

– Vamos juntos à cidade e, quando encontrarmos um padeiro, debes correr por entre as pernas dele e fazer com que a bandeja caia-lhe da cabeça; eu cuidarei dos rolos de pão e os levarei a nosso mestre.

Dito e feito. Juntas, as duas fiéis criaturinhas trotaram até a cidade e não demoraram a deparar com um padeiro, que levava uma bandeja sobre a cabeça e que, olhando para todos os lados, cantava:

*Rolos fresquinhos, bolo docinho,
De todo tamanho, tipo ou valor;
Vinde e comprai, vinde loguinho,
Decerto achareis o vosso sabor.*

Naquele momento, Schurka apressou-se e correu por entre as pernas do padeiro, que bamboleou, fazendo a bandeja desequilibrar-se e os rolos caírem no chão. Enquanto o homem, furioso, perseguiu Schurka, Waska conseguiu tirar os rolos da vista das pessoas, puxando-os para trás de um arbusto. Momentos depois, Schurka retornou para

a companhia do gato, e, levando consigo os rolos, ambos dispararam a toda velocidade rumo à torre de pedra onde Martim era prisioneiro. Waska, sendo bastante ágil, escalou os paredões por fora, e subindo na janela gradeada, chamou, numa voz ansiosa:

– Mestre, o senhor está vivo?

– Mais ou menos vivo; quase morto de fome – respondeu Martim, com voz débil. – Nunca pensei que chegaria a este ponto, que morreria de inanição.

– Não tenha medo, caro mestre. Schurka e eu cuidaremos do senhor – disse Waska.

Num instante, desceu a torre e subiu-a novamente, trazendo um pão; depois outro e outro, até trazer toda a fornada. Ao levar o último, disse-lhe:

– Mestre querido, Schurka e eu partiremos para um reino distante, localizado no fim mais remoto da terra, para recuperar o seu anel mágico. O senhor deverá cuidar para que estes rolos durem até a nossa volta.

Então Waska despediu-se de seu querido mestre e partiu com Schurka em sua jornada. Andaram e andaram, sempre olhando para um lado e outro, buscando vestígios da princesa, seguindo todas as pistas, perguntando a cada cão e gato que encontravam, ouvindo a conversa de cada viajante por que passavam. Por fim, souberam que o reino nos mais remotos confins da terra, para onde os doze jovens haviam levado a princesa, não encontrava-se muito longe. Então chegaram àquele reino distante e, dirigindo-se rumo ao palácio, começaram a fazer amizade com todos os cães e gatos do lugar, perguntando-lhes sobre a princesa e sobre o anel mágico; mas nenhum deles sabia dizer muito a respeito. Ora, certo dia aconteceu que Waska entrou no porão do palácio enquanto caçava por ratos e camundongos e, vendo um bastante gordinho e bem alimentado, atacou-o, enterrando as garras no seu pelo macio; estava prestes a

engoli-lo, quando foi detido pelas súplicas da criaturinha, que clamava por piedade, dizendo:

– Se poupardes a minha vida, posso ser-vos de grande serventia. Farei tudo o que estiver a meu alcance por vós, pois sou o Rei dos Ratos: se eu perecer, toda a minha raça será extinta.

– Tudo bem – disse Waska –, eu pouparei a tua vida; porém, em troca disso, precisas fazer algo por mim. Neste castelo vive uma princesa, a esposa malvada do meu querido mestre. Ela roubou dele o seu anel mágico. Tu deves tirá-lo dela a qualquer custo, estás entendendo? Até que faças isso, não tirarei minhas garras de teu pelo.

– Ótimo! – respondeu o rato. – Farei o que me pedis.

E, dizendo isso, reuniu todos os ratos de seu reino. Um sem-número de ratos – grandes e pequenos, cinzas e marrons – reuniu-se e formou um círculo ao redor do seu rei, que estava preso sob as garras de Waska. Voltando-se para eles, disse:

– Meus caros e fiéis súditos: quem dentre vós roubar o anel mágico da princesa estrangeira terá me libertado de uma morte cruel, e eu o honrarei sobre todos os ratos do reino.

No ato, um pequeno ratinho deu um passo adiante e disse:

– Eu costumo rondar o quarto da princesa pela madrugada e notei que ela tem um anel que é o seu tesouro, a menina de seus olhos. Todos os dias ela o usa no dedo, mas pela noite guarda-o na própria boca. Eu me disponho, Vossa Majestade, a roubar-lhe o anel em vosso nome.

Assim, o minúsculo ratinho fez o seu caminho até o quarto da princesa e esperou chegar a noite; quando ela já tinha caído no sono, ele subiu na cama e roeu um buraco em seu travesseiro, através do qual carregou pequenas penas, uma a uma, jogando-as debaixo do nariz da princesa. A penugem voou para dentro das narinas e da boca

da princesa, que começou a espirrar e a tossir, o que fez com que o anel caísse-lhe da boca sobre o cobertor. Como um relâmpago, o ratinho agarrou-o e levou-o para Waska como resgate pelo Rei dos Ratos. Em seguida, Waska e Schurka puseram as patas na estrada e viajaram dia e noite, até chegarem à torre de pedra onde Martim estava preso; o gato escalou o edifício e, pela janela, o chamou:

– Martim, meu querido mestre, ainda está vivo?

– Ah! Waska, meu gatinho fiel, és tu? – respondeu uma voz minguada. – Estou a morrer de fome. Faz três dias que não ponho nada na boca.

– Mantenha o coração calmo, caro mestre, pois a partir de hoje o senhor não viverá senão em felicidade e prosperidade. Se este fosse o momento de incomodar-lhe com enigmas, eu o faria adivinhar o que Schurka e eu trouxemos de volta para o senhor. Imagine só: recuperamos o seu anel!

Martim ficou fora de si de tanta felicidade, e acariciou o gato com todo afeto, ao passo que Waska, contente, esfregou-se nele e ronronou, enquanto, lá embaixo, Schurka pulava no ar e latia, feliz da vida. Martim, então, tomou o anel e jogou-o de uma mão a outra, e no mesmo instante apareceram os doze jovens, que perguntaram-lhe quais eram suas ordens.

– Trazei-me algo para comer e beber, o mais depressa possível; depois disso, trazei-me músicos: teremos música o dia todo.

Ora, quando o povo da cidade ouviu música vindo da torre, encheram-se de espanto e foram ao rei com a notícia de que se praticava magia na torre de Martim, pois, em vez de morrer de inanição, ele aparentemente celebrava ao som da música e ao tilintar de pratos, taças, garfos e facas; e a melodia era tão encantadoramente doce que todos os que por ali passavam detinham-se para ouvi-la. Sabendo disso, o rei mandou um mensageiro à Torre da Fome, e este servo ficou tão perplexo com o que viu que permaneceu no lugar,

paralisado. Então o rei mandou os seus principais conselheiros, e também eles ficaram atordoados de assombro. Por fim, o próprio rei foi até o lugar e, da mesma forma, sentiu-se enfeitiçado pela beleza da música.

Martim, então, reuniu os doze jovens e falou com eles, dizendo-lhes:

– Reconstruí meu castelo e ligai-o ao palácio do rei por meio de uma ponte de cristal; não esqueçais das macieiras de frutos de ouro e de prata, nem dos pássaros do Paraíso empoleirados nos galhos; e colocai de volta a igreja das cinco cúpulas douradas, e fazei soarem os sinos, convocando a todas as pessoas, dos quatro cantos do reino. E mais uma coisa: trazei de volta minha infiel esposa e levai-a à câmara das mulheres.

E tudo isso foi cumprido à risca; deixando a Torre da Fome, ele tomou o rei, seu sogro, pelo braço e conduziu-o ao novo palácio, onde a princesa tremia de medo, aguardando a morte. E Martim se dirigiu ao rei, dizendo:

– Rei e nobre sogro, muito sofri nas mãos de vossa filha. Que punição se lhe destinará?

Respondeu, então, o rei:

– Querido príncipe e genro, se me amais, deixai-me transformar a vossa raiva em graça: perdoai a minha filha e deixai-a retornar ao vosso coração e a vossos cuidados.

E o coração de Martim foi tocado; ele perdoou a esposa e ambos viveram juntos e felizes para sempre. A sua velha mãezinha foi morar com ele, e Martim nunca se separou de Schurka e Waska. Nem é preciso dizer que ele nunca mais deixou que o anel se lhe escapasse.

Extraído:

LANG, A. **O Fabuloso Livro Amarelo**. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2020. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 4).

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

CINDERELA, OU O SAPATINHOS DE CRISTAL

Charles Perrault

Era uma vez um cavalheiro que tomou, como segunda esposa, a mulher mais presunçosa e esnobe de que já se ouvira falar. Com seu ex-marido, tivera ela duas filhas de mesmo temperamento - na verdade, as filhas lhe eram iguais em tudo. Também ele tinha, do relacionamento com sua outra mulher, uma filha jovem, mas dotada de um temperamento incomparavelmente bom e doce que herdara de sua mãe, a melhor criatura do mundo.

Tão logo se haviam encerrado as cerimônias do casamento, a madrasta começou a revelar sua verdadeira face. Era incapaz de suportar as boas qualidades daquela jovem, e tanto mais porque faziam suas próprias filhas parecer mais odiosas. Atribuía-lhe os afazeres mais vis da casa: a menina limpava a louça, a mesa, etc., bem como esfregava o aposento da senhora e das senhoritas suas filhas. Se a jovem dormia em um sótão miserável, sobre uma deplorável cama de palha, ficavam as irmãs em cômodos belos e de assoalhos incrustados, sobre leitos de moda recentíssima, tendo à disposição espelhos tão grandes que elas podiam observar-se por inteiro, da cabeça aos pés.

A pobrezinha aguentava tudo com paciência e nada ousava dizer ao pai, que, completamente dominado pela esposa, acabaria por censurá-la. Ao concluir seus afazeres, ela costumava ir para o lado da lareira e sentar-se no meio das cinzas e da borralha, o que a fazia ser costumeiramente chamada Cinzerela, muito embora a irmã caçula, que não era tão grosseira e descortês como a mais velha, desse-lhe Cinderela como apelido. A despeito de seu pobre vestuá-

rio, Cinderela era mil vez mais bela do que suas irmãs, que sempre andavam vestidas com esplendor.

Aconteceu que o filho do rei quis dar um baile e convidou para a festa todas as pessoas de bom gosto. Nossas jovens senhoritas foram também convidadas, dada a maneira tão majestosa com que se apresentavam à alta sociedade. Pelo convite, ficaram contentíssimas, ocupando-se admiravelmente da escolha dos vestidos, das anáguas e dos acessórios de cabeça que lhes conviriam. Isso trouxe um novo problema para Cinderela, uma vez que era ela quem passava o linho das irmãs e pregueava seus babados. O dia inteiro elas passavam falando sobre como se vestiriam.

– De minha parte – começou a mais velha –, escolherei o conjunto vermelho de veludo com adorno francês.

– E eu – disse a mais nova – vestirei a anágua de sempre; para compensá-lo, no entanto, escolho meu mantô de flores douradas, bem como um diamante sobre o corselete, que está longe de ser a peça mais vulgar do mundo.

À melhor cabeleireira que conseguiram, pediram que fizesse seus toucados e ajustasse suas coifas. O pó vermelho e as pintinhas foram trazidas da mademoiselle de la Poche.

Também Cinderela foi chamada para opinar sobre tudo isso, uma vez que tinha excelente gosto e sempre lhes aconselhava tendo em vista o melhor. Ademais, ela costumava oferecer-se para arrumar seus cabelos, do que elas estavam muito desejosas. Enquanto Cinderela fazia isso, elas lhe disseram:

– Não ficarias contente em ir ao baile, Cinderela?

– Pobre de mim! – bradou ela. – Mas nunca deixais de caçoar de mim! Aquilo não é para gente como eu.

– Estás certíssima – responderam. – Todos cairiam na gargalhada ao ver a Cinzerela em um baile!

Qualquer pessoa teria deixado torto o penteado daquelas irmãs, mas Cinderela era boa demais e as arrumou perfeitamente bem. As irmãs ficaram quase dois dias sem comer, tamanha era sua alegria. Ao tentarem deixar os laços o mais apertados possível e, assim, conquistar uma aparência mais bela e esguia, arreventaram mais de uma dezena deles. A todo momento se punham diante do espelho. Por fim, chegou o grande dia. Enquanto seguiam para a corte, Cinderela acompanhou-as com o olhar tanto quanto pôde; quando enfim as perdeu de vista, desatou a chorar.

Sua madrinha, que a viu mergulhada em lágrimas, quis saber o que acontecera.

– Como eu gostaria... Como eu gostaria...

Interrompida por suas lágrimas e soluços, Cinderela não conseguia completar a frase. Sua madrinha, que era também uma fada, disse-lhe então:

– Gostarias de poder ir ao baile, não é?

– Sim - bradou Cinderela, exalando um grande suspiro.

– Pois bem - continuou a madrinha. - Se fores uma boa menina, farei com que possas ir.

Em seguida, levou-a para seu aposento e disse-lhe:

– Corre até o jardim e traz-me uma abóbora.

Cinderela partiu imediatamente para buscar a melhor abóbora que encontrasse. Sem saber como aquilo lhe faria ir ao baile, levou-a então até sua madrinha, que raspou todo o seu conteúdo e nada deixou além da casca. Depois, a fada golpeou a abóbora com sua varinha para transformá-la em uma carruagem linda e toda revestida de ouro.

Em seguida, a madrinha passou a inspecionar sua armadilha para camundongos, onde encontrou seis deles, todos vivos. Pediu que Cinderela abrisse a portinhola e deu, à medida que os camundongos iam saindo, uma leve

batida com a varinha em cada um, que logo se convertia em um cavalo belíssimo. Juntos, somavam seis cavalos de um cinza manchado como o dos camundongos. Faltava-lhes um cocheiro.

– Verei – diz Cinderela – se não há rato na armadilha para ratos... Podemos fazer dele um cocheiro.

– Estás certíssima – respondeu a madrinha. – Vai e procura.

Cinderela lhe trouxe a armadilha, e dentro havia três ratos enormes. A fada escolheu o que ostentava a maior barba e, tocando-o com a varinha, converteu-o em um cocheiro gordo e alegre, com o bigode mais polido já visto até então. Em seguida, disse à jovem:

– Vai de novo ao jardim e encontrarás, atrás do regador, seis lagartos. Traze-os para mim.

Tão logo Cinderela o fizera, sua madrinha os transformou em seis lacaios, que imediatamente saltaram para trás da carruagem. Seus librés estavam todos adornados com ouro e prata, e com tamanha proximidade se alinharam, que parecia que nada mais tinham feito durante a vida. A fada então disse à jovem:

– Pois bem: vê aqui um séquito com que poderás ir ao baile. Não te agrada?

– Mas é evidente que sim! – bradou a outra. – Devo ir, porém, no estado em que me encontro, com estes trapos asquerosos?

Bastou a madrinha tocá-la com a varinha para que suas roupas se tornassem tecidos de ouro e prata, todos cobertos de joias. Feito isso, deu a Cinderela um par de sapatinhos de cristal, os mais belos que havia no mundo, e assim, tão luxuosa, Cinderela subiu na carruagem. A madrinha, porém, ordenou-lhe que não ficasse no baile após a meia-noite e disse-lhe, ainda, que, se permanecesse um segundo a mais ali, a carruagem voltaria a ser abóbora;

os cavalos, camundongos; o cocheiro, rato; os lacaios, lagartos; e suas roupas, iguais àquelas que trajava anteriormente.

Cinderela prometeu então à madrinha que deixaria o baile antes da meia-noite; em seguida, partiu sem conseguir conter-se de tanta alegria. O filho do rei, que ouvira dizer que uma grande princesa, de todos desconhecida, estava para chegar, correu para o lado de fora a fim de recebê-la. Descendo ela da carruagem, ele lhe estendeu a mão e a conduziu baile adentro, no meio de todos os convidados. Um profundo silêncio logo se seguiu; tão atentos ficaram para contemplar as singulares belezas daquela desconhecida, que ninguém mais dançava e nenhum violino se ouvia. Só se escutava o confuso ruído do: “Mas como é bela! Como é bela!”

O rei mesmo, a despeito de sua idade, não conseguiu deixar de observá-la, comentando bem baixinho à rainha que havia muito não contemplava criatura tão bonita e tão adorável.

Todas as damas se ocuparam de examinar seu traje e toucado, a fim de que pudessem fazer algo da mesma maneira no dia seguinte (contanto que encontrassem material tão bom e mãos tão hábeis para produzi-lo).

O filho do rei acompanhou-a ao assento mais ilustre e, em seguida, tirou-a para dançar. Cinderela bailou com tanta graciosidade, que fez todos admirá-la ainda mais. Serviu-se então uma excelente consoada, da qual, porém, o jovem príncipe nada comeu, tamanha a atenção que dedicava à jovem.

Cinderela foi sentar-se ao lado de suas irmãs e prestou-lhes milhares de gentilezas, dando-lhes parte das laranjas e das cidras com que o príncipe a tinha presenteado; uma vez que não a conheciam, as irmãs ficaram muito surpresas. Enquanto as distraía dessa maneira, a jovem ouviu o relógio indicar que eram quinze para meia-noite, ao que

logo fez reverência aos convidados e se apressou tanto quanto podia.

Quando chegou a casa, foi atrás de sua madrinha. Tendo-lhe agradecido, disse que desejava do fundo do coração ir ao baile no dia seguinte, uma vez que o filho do rei assim havia desejado.

Enquanto ela, cheia de entusiasmo, contava à madrinha tudo quanto ocorrera no baile, suas duas irmãs bateram à porta. Cinderela se apressou para abri-la.

– Mas como vos demorastes por lá! – bradou ela, bocejando, esfregando os olhos e espreguiçando-se como se acabasse de despertar. Cinderela, porém, não se sentira tentada a dormir desde que as irmãs haviam saído de casa.

– Se estivesses lá – afirmou uma delas –, não te terias cansado jamais! Apareceu lá a mais admirável das princesas, a mais bela que qualquer olho mortal já viu. Prestou-nos milhares de gentilezas e deu-nos laranjas e cidras.

Cinderela parecia assaz indiferente a tudo aquilo; na verdade, chegou a perguntar-lhes o nome da princesa, mas lhe disseram que não o sabiam e que o filho do rei, inquieto por causa dela, daria o mundo para saber de quem se tratava. Ao ouvir isso, uma sorridente Cinderela respondeu:

– Ela deve ser realmente belíssima, então! Quão venturosas não fostes vós! Não me seria possível vê-la? Ah! senhorita Charlotte, empresta-me o conjunto amarelo que usas todo dia...

– Ah! mas que impertinência! – exclamou a senhorita Charlotte. – Emprestar minhas roupas a uma borralheira suja como tu! Seria muita tolice.

Cinderela esperava já tal resposta e ficou muito contente com a recusa. Estaria em apuros se a irmã lhe houvesse emprestado o que pedira por brincadeira.

No dia seguinte, as duas irmãs estiveram no baile. Também esteve lá Cinderela, mas em trajes mais magní-

ficos que os da outra vez. O filho do rei permanecia sempre a seu lado; jamais cessava de elogiá-la e de dizer-lhe palavras afáveis. Para Cinderela, aquilo estava tão longe de ser cansativo, que se esqueceu do que sua madrinha lhe recomendara. Ainda cria ser onze horas quando o relógio enfim bateu à meia-noite, e portanto ela se levantou e fugiu, ágil como uma corça. O príncipe saiu em seu encalço, mas não conseguiu alcançá-la. Tendo deixado ela, para trás, um sapatinho de cristal, ele o pegou com enorme cuidado. Cinderela conseguiu chegar a casa, mas quase sem fôlego e trajando as roupas velhas e asquerosas de antes. Nela, nada restara de todo aquele refinamento além de um dos sapatinhos, par daquele que ela deixara cair.

Aos guardas à entrada do palácio perguntou-se se não tinham visto a princesa ir embora. Eles disseram que não tinham visto ninguém além de uma jovem de trajes miseráveis que mais se assemelhava a uma pobre moça do campo do que a uma gentil-dona.

Quando as duas irmãs retornaram do baile, Cinderela quis saber se todas se haviam se divertido e se aquela admirável dama estivera lá.

Elas lhe disseram que sim, mas que havia saído às pressas tão logo o relógio batera à meia-noite – e com tamanha pressa, que deixara cair um de seus sapatinhos de cristal, os mais belos do mundo. O príncipe o havia recolhido e nada mais fizera senão procurá-la pelo baile. Não há dúvida de que estava muito apaixonado pela bela dona do sapatinho de cristal.

O que elas diziam ali era verdadeiro, pois alguns dias depois o filho do rei fez proclamar, ao som da trombeta, que se casaria com aquela em cujo pé coubesse o sapatinho. Seus criados começaram pelas princesas; em seguida, passaram às duquesas e a toda a corte, mas em vão. O sapatinho foi levado ainda às duas irmãs, que de tudo fizeram

para meter os pés nele. Cinderela, que via tudo isso e reconhecia seu sapato, disse-lhes aos risos:

– Deixai-me ver se não cabe em mim.

Suas irmãs explodiram em gargalhadas e se puseram a çoçar dela. O cavalheiro que lhes fora enviado com o sapatinho olhou com seriedade para a jovem e, julgando-a um tanto bela, declarou ser justo que o experimentasse; ele tinha ordens para permitir que todas viessem a tentá-lo.

O homem obrigou Cinderela a sentar-se e, colocando o sapatinho em seu pé, notou que deslizava com facilidade, encaixando-se nela como se feito de cera. O espanto que se apoderou de suas irmãs foi grande, mas aumentou ainda mais quando Cinderela tirou de seu bolso o outro sapatinho e o colocou no pé. Em seguida chegou a madrinha, que, ao tocar com sua varinha às roupas da jovem, fê-las mais ricas e esplendorosas do que qualquer que Cinderela já tivera.

Assim, suas irmãs descobriram ser ela a dama admirável e elegante que tinham visto no baile. A seus pés se lançaram a fim de pedir perdão pelos maus-tratos a que a haviam submetido. Cinderela as levantou e, envolvendo-as em um abraço, exclamou que lhes perdoava de todo o coração e desejava que sempre a amassem.

Então, vestida como estava, foi conduzida até ao príncipe, que a viu mais adorável que nunca e a tomou, dias depois, como esposa. Cinderela, cuja bondade era qual sua beleza, deu às duas irmãs aposentos no palácio e, naquele mesmo dia, uniu-as a dois grandes lordes da corte.

Extraído:

LANG, A. O Fabuloso Livro Azul. 1. ed. Porto Alegre: Concreta, 2016. v. 1. (Os fabulosos livros coloridos, 1).

LISTA DE CONTOS

O Barba-Azul - <i>Charles Perrault</i>	5
O rei que perdeu o corpo - <i>Do Pantchatantra</i>	11
Do que aconteceu a um rei - <i>Don Juan Manuel</i>	15
O Mestre Gato ou o Gato de Botas - <i>Charles Perrault</i>	21
O anel de bronze - <i>Traditions Populaires</i>	27
Chapeuzinho Vermelho - <i>Charles Perrault</i>	41
A Bela Adormecida no bosque - <i>Charles Perrault</i>	45
Aladim e a Lâmpada Maravilhosa - <i>As mil e uma noites</i>	57
O anel mágico - <i>Da tradição Indiana</i>	75
Cinderela, ou O Sapatinhos de Cristal - <i>Charles Perrault</i>	91

Josimar Rodrigues
<https://josimar.com.br>

